



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS

LUCAS CARDOSO DO NASCIMENTO

**PRÊMIO JORNALÍSTICO VLADIMIR HERZOG DE ANISTIA E DIREITOS
HUMANOS: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS
LGBT NOS TRABALHOS PREMIADOS**

BRASÍLIA
2017

LUCAS CARDOSO DO NASCIMENTO

**PRÊMIO JORNALÍSTICO VLADIMIR HERZOG DE ANISTIA E DIREITOS
HUMANOS: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS
LGBT NOS TRABALHOS PREMIADOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a graduação no bacharelado em Jornalismo, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Prof^a. Dra. Katrine Tokarski Boaventura

BRASÍLIA

2017

LUCAS CARDOSO DO NASCIMENTO

**PRÊMIO JORNALÍSTICO VLADIMIR HERZOG DE ANISTIA E DIREITOS
HUMANOS: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS
LGBT NOS TRABALHOS PREMIADOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a graduação no bacharelado em Jornalismo, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Prof^a. Dra. Katrine Tokarski Boaventura

Brasília, 23 de novembro de 2017

Banca examinadora

Prof^a. Dra. Katrine Tokarski Boaventura
Orientadora

Prof^a. Dra. Carolina Assunção e Alves
Examinador

Prof. Dr. Gilberto Gonçalves Costa
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Luzia e Fabrício, que me apoiaram desde o começo quando escolhi cursar a faculdade de Jornalismo. Os dois, que sempre acreditaram em mim, são grandes exemplos de superação em minha vida. Tenho a sorte de ter tido estes pais incríveis que sempre me deram o melhor, inclusive uma boa educação. A meu irmão Felipe que sempre me faz rir quando as coisas andam difíceis e a todos os meus amigos, que foram essenciais durante esta caminhada em especial ao Thauan, o melhor amigo do mundo.

Agradeço também a todos os colegas da faculdade, em especial a Anna Jullia. Mais do que uma colega, ela se tornou uma amiga que sempre esteve e sempre estará comigo. Desde o primeiro dia de aula já nos tornamos amigos e desde então nunca nos separamos. Todos os trabalhos em grupo, duplas, provas... Sempre estivemos juntos e agora na reta final, tenho muito orgulho de ter curtido essa caminhada ao lado dela.

Um muito obrigado também a meu namorado, Caio, por toda a paciência ao longo deste semestre, pela ajuda, por me encorajar, por sempre ficar ao meu lado e por entender minha ausência quando preciso estudar.

Não posso esquecer de agradecer a todos os Professores, em especial a minha orientadora Katrine pela dedicação e carinho. Agradeço também a todos os demais Professores que tive no UniCEUB que me ensinaram não apenas ser um bom jornalista, mas sem dúvidas uma pessoa melhor.

E por fim, agradeço a todas as pessoas da comunidade LGBT que me inspiraram a realizar este trabalho. Qualquer pessoa que sai de casa em busca de igualdade, respeito ou que lute de qualquer forma pelo fim do preconceito, é meu herói.

RESUMO

Neste trabalho foram analisadas reportagens vencedoras do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Foram selecionados trabalhos vencedores que apresentam a personagem LGBT em seu conteúdo. O objetivo principal é compreender como as personagens apresentadas nas reportagens são tratadas. A relação entre a premiação com enfoque em Direitos Humanos e o tratamento que é dispensado pelos jornalistas às personagens LGBT é o enfoque desta análise, que adota como parâmetro a representação humana e respeitosa destas personagens. Os estudos das personagens, humanização e comunidade LGBT serviram como embasamento teórico e como método, a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin.

Palavras-chave: Personagem; Prêmio Vladimir Herzog; LGBT; Humanização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 VLADIMIR HERZOG	9
1.1 PRÊMIO VLADIMIR HERZOG DE ANISTIA E DIREITOS HUMANOS	11
2 PERSONAGEM	13
2.1 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM	13
2.1.2 A PERSONAGEM JORNALÍSTICA	15
2.1.3 O CONFLITO	17
2.2 HUMANIZAÇÃO	18
3 LGBT	21
3.1 REPRESENTATIVIDADE	21
3.1.2 PERSPECTIVA LGBT NO JORNALISMO	25
4 METODOLOGIA	28
4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO	28
4.2 SELEÇÃO DOS OBJETOS	31
5 ANÁLISE DOS TRABALHOS PREMIADOS	33
5.1 O SEGREDO DO FARAÓ	33
5.2 MÁFIA DO SEXO	35
5.3 PRECISAMOS FALAR SOBRE ROMEO	38
5.4 O MAPA DA HOMOFOBIA EM SÃO PAULO	40
5.5 QUEM SOU EU?	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO A - O Segredo do Faraó (2002)	52
ANEXO B - Máfia do Sexo (2002)	56
ANEXO C - Precisamos falar sobre Romeo... (2015)	62
ANEXO D - O Mapa da Homofobia em São Paulo (2017)	74
ANEXO E - Quem sou Eu? (2017)	85

INTRODUÇÃO

O avanço na conquista dos direitos humanos é uma pauta que nos últimos tempos vem ganhando mais espaço na sociedade e nos meios de comunicação. Dentre os grupos que participam dessa luta, a comunidade LGBT busca o direito de ser representada de forma mais prevalente e respeitada. Alvo constante de humilhações e preconceito, o público LGBT enfrentou uma longa caminhada que, mesmo em dias atuais, ainda é árdua.

O jornalismo tem a capacidade de transformar e influenciar a opinião pública, e inevitavelmente o público LGBT sempre esteve presente nas redações. O jornalismo é feito por pessoas para pessoas e suas ideias seguem também os avanços e conquistas dos Direitos Humanos e o dever de representar todas as classes e gêneros.

Neste sentido, o jornalismo busca ter credibilidade para poder se comunicar com todas as pessoas e se tornar não apenas uma forma de transmissão de informações, mas também uma voz para os mais oprimidos. O jornalista exerce uma função social e atua como defensor não apenas da verdade dos fatos, mas também de transmitir pela notícia o lado dos menos favorecidos pela sociedade. Esse profissional deve ter um lado humano e entender que a sua voz pode ser a voz de muitos, ajudando no processo de inserção dos que são calados pela discriminação. Com o avanço da comunicação e da sociedade, aos poucos esta realidade vem mudando e sendo reconhecida.

A pesquisa pretende realizar uma análise fundamentada em exemplos jornalísticos sobre as conquistas dos gays e também do jornalismo, partindo do pressuposto de que o jornalismo é uma profissão social, capaz de formar opinião e transformar por meio de notícias o pensamento humano e ser levada ao auge do reconhecimento.

O Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos tem sido um campo de disseminação de igualdade e respeito às classes mais oprimidas. Prêmios como esse, exclusivamente voltado para reportagens de Direitos Humanos, são mais que uma premiação, são uma conquista dos jornalistas e, no caso em específico, da comunidade LGBT por estar sendo representada. A premiação de jornalistas e reportagens com a abordagem social é um grande passo para o jornalismo e consequentemente para essas pessoas. Qualquer apoio ou representatividade ao

público LGBT já é um grande passo no caminho à superação do preconceito e seu reconhecimento em premiações do jornalismo brasileiro e internacional significa a queda de tabus que vem sendo almejada pela comunidade LGBT durante tantos anos. E não apenas isso: significa o fortalecimento dos propósitos da profissão de jornalista.

Neste trabalho, pretende-se estudar a representatividade dos personagens LGBT apresentados em reportagens que receberam a honraria do Prêmio Vladimir Herzog, analisar como foram tratados, expostos, analisados e buscar entender de forma humanizada a conquista de representatividade. Além disso, observar-se que houve a evolução do jornalismo essencial na forma de tratar e apresentar um personagem LGBT.

A luta pela humanização e visão sensível devem inibir, assim, a visão do preconceito. O jornalista precisa identificar que, apesar das diferenças e preconceitos que persistem no mundo, a humanização deve ser parte de seu trabalho,

Mas entre as aspirações humanistas e as realidades do mundo de hoje, foi construído um muro. Agora, então, é o momento para derrubá-lo. Isto requer a união de todos os humanistas do mundo. (PULLEDA, 1999, p. 44 apud IJUIM, 2012, p. 123).

Para apresentar os conceitos teóricos ligados ao tema da pesquisa, foi aplicada como técnica metodológica a Análise de Conteúdo, numa abordagem predominantemente qualitativa, pois busca interpretar através das reportagens recolhidas os comportamentos de um determinado grupo, no caso os jornalistas agraciados com o Prêmio Vladimir Herzog. Em seguida, passaremos à análise dessas reportagens que compõem o *corpus* da pesquisa.

1 VLADIMIR HERZOG

Um dos maiores jornalistas do Brasil, Vlado Herzog, nasceu em Osijek, cidade localizada na Croácia, em 27 de junho de 1937. Filho de pais judeus, Zigmund e Zora Herzog, a família vivia em Banja Luka, um polo industrial e comercial de maioria muçulmana e hoje incluído na Bósnia Herzegovina. Entretanto, foi quando se naturalizou brasileiro que Vlado Herzog passou a chamar-se Vladimir Herzog. (MARKUN, 2005).

Segundo João Batista do Nascimento Filho (2012, p. 7), a família do jornalista veio para o Brasil em busca de abrigo na década de 1940, fugindo do Nazismo Alemão e chegaram no país em 1946 no Rio de Janeiro. Herzog então começou sua vida escolar e acadêmica e se formou em filosofia na Universidade de São Paulo mas

[..] foi como jornalista que ele se destacou, tendo trabalhado em importantes órgãos de imprensa como o jornal O Estado de S. Paulo, onde ajudou a implantar a sucursal de Brasília, então recém-inaugurada. No início da década de 60, casou-se com a publicitária Clarice Herzog, com quem teve dois filhos, Ivo e André. (NASCIMENTO FILHO, 2012, p. 7)

Quando se tornou jornalista, o Brasil passava por um momento muito marcante de sua história e a profissão para Vlado se tornou mais complicada: “[...] com a consolidação da ditadura, a profissão foi perdendo parte da aura romântica e idealista que era seu grande atrativo” (MARKUN, 2005, p. 37). A partir dos anos 70, Vlado se tornou professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde ministrava aulas de jornalismo, mas foi na TV Cultura onde concretizou o desejo de realizar um jornalismo engajado e voltado para a realidade do país. Sua participação na TV Cultura despertou o interesse do governo, principalmente pelo jornalismo que estava sendo feito na emissora. Vlado e outros tantos jornalistas elaboravam pautas de cunho social e político que acabaram desagradando o estado.

Na TV Cultura, deu nova roupagem à programação da emissora, elaborando uma programação de cunho mais popular, ressaltando as necessidades da população no que concerne à saúde, educação e segurança. Isso serviu para chamar a atenção dos agentes do regime militar, que passaram a investigar a vida do jornalista. (NASCIMENTO FILHO, 2012, p. 8)

Mas foi em 1975 que a repressão aos jornalistas do estado de São Paulo se instaurou definitivamente: “[...] dezenas de pessoas acusadas de participação em atividades subversivas eram levadas para o Destacamento de Operações Internas do

Comando Operacional de Informações, o temível DOI-CODI do II Exército” (JORDÃO, 2005, p. 12). Jornalistas, aliados e membros do Partido Comunista entre outras centenas de pessoas eram levadas para prestar depoimentos no DOI-CODI onde “[...] sob essa dominação longa e redundante, funcionava o que, naquele momento, era o principal aparelho de tortura no país” (JORDÃO, 2005, p. 12). Hamilton Almeida Filho, amigo de Herzog e autor da obra *“A Sangue Quente. A morte do Jornalista Vladimir Herzog”*, descreve que na época, o jornal que publicava conteúdos sobre a repressão era o Estado de S. Paulo e foi assim, pela imprensa, que a família e amigos souberam da prisão de Herzog (ALMEIDA FILHO, 1978, p. 13). E então na noite de sábado, dia 25 de outubro de 1975, a morte do jornalista foi confirmada em nota oficial pelo II Exército,

O comunicado afirmava que Herzog se suicidara na prisão, após confessar sua participação em atividades do Partido Comunista. Ao longo da madrugada de domingo, 26, algumas poucas pessoas que souberam da morte foram levar sua solidariedade a Clarice Herzog, mulher de Vlado. (JORDÃO, 2005, p. 13)

No ano seguinte, em 20 de abril de 1976, a mulher do jornalista Clarice Herzog e seus filhos Ivo e André, “[...] entram com uma ação na Justiça Federal para provar que Vladimir Herzog não se suicidou e, sim, foi torturado e morto durante sessão de interrogatório no DOI-CODI” (JORDÃO, 2005, p. 28). Clarice e seus filhos tornaram este um caso inédito na Justiça visto que ela não buscava nenhum tipo de indenização material apenas uma declaração de responsabilidade da União pela morte de Herzog (JORDÃO, 2005). No dia 28 de outubro de 1978, o Juiz Márcio José de Moraes, da 7ª Vara da Justiça Federal em São Paulo,

[...] declara a União responsável pela prisão, tortura e morte de Vladimir Herzog, considerando imprestável o laudo médico-legal que amparava a versão oficial e afirmando que as autoridades não conseguiram provar que a morte ocorreu por suicídio. (JORDÃO, 2005, p. 28)

“Quando perdemos a capacidade de nos indignar com as atrocidades praticadas contra outros, perdemos também o direito de nos considerar seres humanos civilizados”. A frase, publicada na biografia do jornalista Vladimir Herzog no site do Instituto Vladimir Herzog (2017), hoje coordenado por Clarice Herzog, é um reflexo da visão ética e humanista do jornalista.

Sua morte, além de ter causado muita dor em familiares, amigos, colegas de trabalho e milhões de brasileiros, foi também marcou, para uma sociedade que até

então vivia com o medo, a dor de conviver com o desaparecimento e morte de pessoas próximas.

O assassinato do jornalista foi ainda um marco para a redemocratização do país que começou com um ato ecumênico na Catedral de São Paulo, exatamente seis dias após a sua morte, no qual oito mil pessoas enfrentaram o medo e os cercos militares para dizer “basta” de viva voz. “Aquele foi um momento de união de forças a partir do qual ficou claro para o regime que a sociedade civil caminharia determinadamente para a reconstrução da democracia”, disse Audálio Dantas, então presidente do Sindicato dos Jornalistas e um dos articuladores daquela manifestação (INSTITUTO VLADIMIR HERZOG, 2017).

1.1 PRÊMIO VLADIMIR HERZOG DE ANISTIA E DIREITOS HUMANOS

O prêmio foi criado em 1978 a partir de uma resolução do Congresso Brasileiro de Anistia, realizado em Belo Horizonte. Foi de Perseu Abramo, à época diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo e representante da entidade no Congresso, a ideia de dar o nome de Vladimir Herzog ao prêmio que ali surgia, com a intenção de homenagear e premiar jornalistas e veículos de comunicação que buscam em seus objetivos estimular jornais a tratarem do tema da Anistia e dos Direitos Humanos (GOMES, 2017). E neste ano de 2017, os objetivos do prêmio ainda continuam os mesmos para que jornalistas, por meio de seu trabalho, permaneçam contribuindo para a promoção dos Direitos Humanos e da Democracia, e se destaquem na defesa desses valores fundamentais (GOMES, 2017).

Atualmente o Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos conta com a participação de diversas entidades: Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI); Centro de Informação das Nações Unidas no Brasil (UNIC Rio); Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo; Conectas Direitos Humanos; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); Sociedade Brasileira dos Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB Nacional); Ordem dos Advogados do Brasil - Seção São Paulo; Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo; coletivo Periferia em Movimento; Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e Instituto Vladimir Herzog (GOMES, 2017).

Diante da carreira e história do jornalista Vladimir Herzog e da representatividade do Prêmio, centenas de personagens passaram por reportagens que destacam suas histórias com a visão humanista pela qual Vlado sempre lutou durante toda sua carreira. Fato este que levou o jornalista a se tornar um símbolo da luta pelos Direitos Humanos. As personagens são o fundamento essencial para a construção de qualquer narrativa. Antes de levarmos em consideração a notabilidade da personagem LGBT na premiação, devemos entender o que é a personagem.

2 PERSONAGEM

Para toda e qualquer narrativa, o foco principal de criação e narração está na personagem. Responsável pela movimentação da história e pela representação nas reportagens e roteiros, ela é a essência de qualquer narrativa. Entender e desconstruir a personagem é buscar respostas para sua existência. Portanto, é primordial para a boa construção de um texto entender o que é a personagem, bem como descrevê-la e, assim, criar conexões com a ficção e o mundo real.

2.1 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

Yves Reuter (2002, p. 41) explica que “[...] as personagens têm um papel essencial na organização das histórias, elas permitem as ações, assumem-nas, vivem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão o sentido. De certa forma, toda história é história de personagens.”. Ele explica que a personagem na narrativa é a base para a compreensão tanto do leitor quanto do narrador no texto “[...] é necessário, sobretudo, não subestimar o fato de que a personagem é um dos suportes essenciais do investimento ideológico e psicológico dos autores e leitores.” (REUTER, 2002, p. 51).

Entretanto, para a criação da personagem o papel do narrador é fundamental. Na construção da personagem, Brait aponta a visão do narrador, como primeira e terceira pessoa, e as diferenças de registro que são passadas ao leitor. Na narração em terceira pessoa a autora aponta que “[...] o narrador simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem.” (BRAIT, 1985, p. 56). Como terceira pessoa na narrativa, o narrador é um representante, um transmissor das experiências que rodeiam a vida da personagem. Entretanto deve-se considerar que essa perspectiva não deve ser considerada boa ou má. Não podemos afirmar que, ao realizar a narrativa em terceira pessoa, o narrador obstrui de alguma forma a vida da personagem.

Em primeira pessoa, a presença do narrador é factual. Ele é um narrador pessoal envolvido diretamente com a narração da personagem. O narrador enquanto primeira pessoa, não apenas constrói sua personagem ele explora sua capacidade de selecionar e combinar todos os elementos e sentimentos que compõem a personagem.

[...] a condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem. (BRAIT, 1985, p. 60)

Mas entendemos que, independente da construção realizada pelo narrador ou pelo tipo de narração apresentada, a construção da personagem segue regras sobre a visão do narrador e como a personagem é apresentada. Neste sentido a autora diz que

Se nos dispusermos a verificar o processo de construção de personagens de um determinado texto e, posteriormente, por comparação, chegarmos às linhas mestras que deflagram esse processo no conjunto da obra do autor, ou num conjunto de obras de vários autores, temos que ter em mente que essa apreensão é ditada pelos instrumentos fornecidos pela análise, pela perspectiva crítica e pelas teorias utilizadas pelo analista. (BRAIT, 1985, p. 68)

Ainda como construção, a autora explora o narrador. Ele é o ponto principal para a visualização da personagem, para gerar vida. Entender a personagem é mais do que apenas estabelecer regras de criação ou manifestação desta, mas sim sua essência. “Pensar a questão da personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e à fundamentação dos juízos acerca desse objeto.” (BRAIT, 1985, p. 28). Por sua vez, mesmo com a visão do narrador ou do leitor, é importante compreender que a personagem apresenta seus detalhes e códigos próprios.

Mas, se a construção de uma personagem, o conjunto dos traços que compõem a sua totalidade permite inúmeras leituras, dependendo da perspectiva assumida pelo receptor, dos códigos utilizados em determinados momentos para a viabilização dessas leituras, isso não significa que a dimensão da personagem seja ditada unicamente pela capacidade de análise e interpretação do leitor. (BRAIT, 1985, p. 67)

Evidenciamos que a criação da personagem está ligada diretamente às suas experiências, e desta forma é possível destacar a melhor maneira de encaixar aquela personagem no texto teatral ou cinematográfico, por exemplo. Mas falaremos a seguir das características da personagem jornalística.

2.1.2 A PERSONAGEM JORNALÍSTICA

Para Tzvetan Todorov (2006, p. 127), “se todas as personagens não cessam de contar histórias, é que esse ato recebeu uma suprema consagração: contar é igual a viver”. A personagem jornalística pertence a uma realidade que se conecta com sua vivência e experiências próprias, e conseqüentemente esta personagem é repleta de histórias que constroem os discursos da sua vida. Entretanto, para que as histórias da personagem jornalística sejam um reflexo da sua vida, é necessário que tais histórias se caracterizem com movimento, dinâmica e ação:

[...] não há personagens fora da ação, nem ação independentemente de personagens. Mas, sub-repticiamente, uma segunda ideia aparece nas últimas linhas: se as duas estão indissoluvelmente ligadas, uma, entretanto é mais importante que a outra: as personagens” (TODOROV, 2006, p. 120)

Luiz Gonzaga Motta (2005, p. 94) afirma que “[...] muitas análises da narrativa jornalística podem concentrar-se na observação das personagens, na sua construção ou caracterização, no seu dinamismo funcional, no seu discurso.”. Segundo Motta (2005, p. 73), “[...] quando falamos de personagem não estamos nos referindo somente ao personagem de ficção, figuras ideais criadas pelos autores. Podemos nos referir a pessoas reais”, ainda que durante a narrativa da personagem, a mesma continue na categoria do discurso. Como diz o autor: “[...] mesmo quando esta personagem tenha um correspondente na vida real, um ser humano de carne e osso, na narrativa ela assume as funções de personagem.” (MOTTA, 2005, p. 73).

A personagem nada mais é do que uma representação. Ela segue um roteiro, uma história, um acontecimento que gira em torno de uma realidade que pode ser ficcional ou real, no caso da personagem jornalística: “[...] as personagens representam pessoas, mas enquanto discurso, não são pessoas, são representações das pessoas” (MOTTA, 2005, p. 74). Para exemplificar a estrutura da categoria do discurso, o autor cita o caso de cassação do atual prefeito de Salvador, o deputado ACM Neto:

As personagens habitam apenas a realidade da narrativa. ACM não é uma figura real na narrativa jornalística do processo de sua cassação, ainda que ele exista como pessoa e que a narrativa se refira a esta pessoa. Na análise ele é personagem, uma categoria da narrativa que desempenha um determinado papel no drama, tal como aparece no relato do jornal ou do telejornal. O analista não vai analisar quem é ACM na vida real, mas sim que ele é enquanto categoria construída a partir dos indicadores linguísticos: vai examinar como o relato

jornalístico constrói tal personagem. Em princípio, só isso interessa." (MOTTA, 2005, p. 74).

Por mais que a representação seja importante para a categoria do discurso da personagem, não podemos esquecer que a personagem jornalística refere-se a uma pessoa real. Muitas vezes é difícil separar a imagem deste discurso de sua verdadeira imagem: "[...] o discurso jornalístico não é a realidade, é um texto sobre a realidade e sobre esse discurso é que incide a análise. Para o analista, a personagem não existe fora do discurso, só existe enquanto construção." (MOTTA, 2005, p. 74). Isto deve ficar claro para o leitor mesmo que, em sua maioria, a responsabilidade da imagem retratada da personagem no texto jornalístico seja do narrador.

O narrador, como construtor da imagem de uma personagem jornalística, tem a responsabilidade de retratar a verdade sobre a mesma, sobre seu papel como membro de uma sociedade e em como aquela personagem é relevante para a construção da narrativa. Diante disto, a imparcialidade, principalmente na representação jornalística, é fundamental para que a veracidade das características da personagem seja preservada. Neste contexto o autor diz que não manter a imparcialidade diante a personagem "[...] indicam ao leitor como os jornalistas conduzem seus leitores a formar certas imagens de seus personagens" (MOTTA, 2005, p. 100). O indivíduo passa a ser uma personagem e, por sua vez, uma narrativa realista da sua própria imagem.

Motta trata desta questão como intrigante e desafiadora visto que o jornalismo presume um relato objetivo que corresponde perfeitamente ao que a pessoa é na vida real, mas: "[...] a reprodução da pessoa física no jornal não é a própria pessoa, é uma imagem da pessoa, uma imagem linguisticamente construída, que ressalta certas características e ignora outras." (MOTTA, 2005, p. 75).

Diante da identificação da personagem jornalística como uma pessoa real, deve-se levar em consideração que as pessoas possuem características singulares e originais. Não somente é imprescindível caracterizar a personagem como também é preciso descrevê-la. Durante a narrativa jornalística, a personagem apresenta um determinado perfil que o narrador é capaz de traçar ao longo da reportagem. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 125),

[...] há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se

interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil.

O perfil trata-se de um panorama criado pelo repórter em busca de identificação da personagem em que sua postura diante dela pode ser caracterizada tanto em primeira como em terceira pessoa, conforme visto anteriormente. “Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa - seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida.” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 126).

De acordo com a descrição da personagem por meio de um perfil, ela pode assumir algumas características que destacam a postura do narrador perante a personagem. Os autores apontam tais características como indivíduo, tipo e caricatura. Entende-se deste modo, indivíduo como a personagem protagonista por meio de uma imagem mais psicológica do que referencial, isto é, o interesse da narrativa incide em seus comportamentos causando imprevisibilidade ao texto. Enquanto nas características do tipo a personagem é enfatizada por seus atributos como habilidades ou talento (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 134). Na personagem como caricatura, os autores apontam que “[...] é natural que, vez em quando, encontremos estranhos sujeitos, de gestos grotescos e atitudes mirabolantes, com acentuada tendência para a exibição” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 136).

Contudo, devemos ponderar que nem toda personagem jornalística é sempre a protagonista, o ator principal. Existem outras componentes na narração jornalística que podem apresentar as mesmas peculiaridades e que “[...] é preciso que se diga que nem sempre a reportagem por inteiro é um retrato só de um personagem” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 139).

2.1.3 O CONFLITO

Toda esta representação jornalística em torno da personagem é criada exclusivamente pela existência de um conflito que coexiste na narrativa. Segundo Motta (2005, p.75), “[...] podemos tomar a personagem como encarnação de ações que desestabilizam ou estabilizam situações. Isso nos remete ao conflito.” O jornalismo por essência é o conflito. É dele de onde parte o interesse pela verdade, pelas nuances do contraditório que são expostas pela personagem, “[...] o jornalismo

não se interessa por situações estáveis, só se interessa pela ruptura, pela instabilidade, pelo excepcional.” (MOTTA, 2005, p. 76).

E todo o conflito reflete uma ação e um porquê para a existência da personagem, como diz Tzvetan Todorov (2006, p. 120): “[...] as personagens estão submetidas à ação.

O essencial do conflito é manter a conexão entre personagem e narrativa, e esse jogo de interação é movimentado pela ação e em como o narrador expõe as “idas e vindas” da personagem,

Na análise das narrativas jornalísticas é particularmente importante identificar e analisar a funcionalidade dos episódios de suspense que deixam significados suspensos, retardam a conclusão da história, aumentam a tensão e as expectativas do leitor ou ouvinte. O jornalismo vive de criar expectativas. [...] na narrativa jornalística, observar especialmente como o retardamento (como estratégia textual) cria tensão e gera expectativas, estabelecendo um tipo de comunicação singular. (MOTTA, 2005, p. 92)

Na análise de todas as narrações o papel do conflito é essencial para a geração de história e conexão com a personagem,

A identificação do conflito permite entender a funcionalidade dos episódios: Por exemplo, situação inicial de equilíbrio, complicação/desequilíbrio, clímax, resolução, desfecho, nova situação de equilíbrio. A análise dos conflitos é particularmente útil também para a identificação dos papéis das personagens. (MOTTA, 2005, p. 93).

Compreender a criação, identificação e características da personagem é o ponto de partida para colocar em prática a ação da personagem na narrativa jornalística. Todavia, é relevante entender que, se tratando de personagem jornalística, logo, pessoas reais, deve-se ter um cuidado com a sua representação e o tratamento empregado a estas pessoas durante a narrativa.

2.2 HUMANIZAÇÃO

Entendemos o jornalismo como uma forma de comunicação que incorpora conhecimento e retrata o cotidiano por meio de informação. Entretanto, o jornalismo possui também a capacidade de unir e conectar pessoas comuns ao redor do mundo por meio de notícias e, principalmente, reportagens. Cremilda Medina descreve a reportagem:

[...] de certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem

a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...]. Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 1999, apud ALVES; SEBRIAN, p.28)

A função do jornalismo, como atividade informativa, é o que transforma o jornalista em uma voz que retrata a realidade, que expõe a verdade. Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 11) aborda a importância da atividade jornalística na sociedade:

O que diferencia de fato o jornalismo de outras atividades é o desempenho da tarefa informativa e orientativa. O alimento dessa função é a ocorrência social, sobre a qual se debruça o jornalismo para, a partir daí, manter a sua audiência a par dos acontecimentos, possibilitando-lhe orientar-se diante da avalanche de ocorrências relevantes na sociedade moderna.

No entanto, apesar de o jornalismo ter a função factual de informar, é possível a relação humanizada com a efetiva prática primordial do jornalismo. Neste âmbito, Lima (1998, p. 09) destaca que a função do jornalismo humanizado é “[...] relatar os acontecimentos, de maneira que as pessoas tenham conhecimento do que ocorre nos diversos campos da realidade social e da existência humana.”. É devido à função prioritariamente social da profissão que chegamos ao entendimento de que o jornalismo deve se tornar humanizado e atento às necessidades dos grupos minoritários.

Como prática, o jornalismo assim como a sociedade está em constante evolução, mas ainda há muito o que aprimorar em busca de um jornalismo mais sensível em relação ao próximo. Segundo Gustavo de Castro e Alex Galeno (2002, p. 77), “O modelo da prática jornalística que conhecemos hoje, pelos menos, praticado em vários jornais diários do país, está agonizante.” A realização de um jornalismo com mais qualidade e humanizado não é somente o aprimoramento da técnica jornalística, mas evoluir como um meio cultural de qualidade para a sociedade brasileira:

Este país já teve uma imprensa melhor em qualidade intrínseca, cultural. E, quando falo isso, não me refiro a artes e espetáculos, mas à cultura no sentido mais amplo e abrangente da palavra. Informação é cultura, integrar o leitor no contexto da informação é fazer jornalismo cultural, mesmo que se esteja tratando de um acidente de trânsito. Colocar o leitor dentro do acontecimento é inseri-lo no mundo, pô-lo à altura do mundo. (DINES, 1996, p.22 apud VELOSO, 2012, p. 6)

É preciso perceber que, por tratar de relações humanas, o jornalismo é um canal influenciador para as percepções de reconhecimento do outro como parte de

um todo. O jornalista tem como função respeitar a personagem e compreender que a visão que passa para seu leitor pode influenciar tanto para o bem quanto para o mal.

Portanto, entendemos que o jornalismo, entre as funções relacionadas à informação, exerce também uma “[...] visão humana capaz de não apenas produzir textos diferenciados, mas inclusive buscar a essência humana e um ponto de partida diferenciado” (ALVES e SEBRIAN, 2008, p. 2).

O jornalista que sabe isso expõe-se continuamente à arte, onde o homem encontra sua transcendência, à cotidianidade, à vida como ela é, lá onde a vida humana é imanente, ao pensamento complexo, que é capaz de contemplar a diversidade sem obrigá-la ao apaziguamento redutor. Arte e rotina são protagonizadas por pessoas comuns, é em detalhes banais que a vida se tece. Relacionamo-nos com o mundo através de constructos, e é isso que o jornalismo faz, uma contínua produção simbólica do mundo (BARROS, 2001, p.176).

O jornalista, então, deve atentar-se ao modo como se comunica com o mundo e que o público esteja sendo contemplado com uma visão imparcial, socialmente adequada e respeitosa, para que a evolução do jornalismo se encontre presente, não apenas como meio informativo mas também social.

3 LGBT

As referências abordadas sobre a construção da personagem jornalística e sobre humanização enfatizam o cuidado da profissão quanto ao tratamento do ser humano de forma digna, mas ainda assim encontramos uma parte da população frequentemente invisível nos meios de comunicação, e que acaba sendo por muitas vezes desumanizada: a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Durante muito tempo, as pessoas LGBT estiveram presas em submundos, esquecidas pela sociedade em geral, repleta de preconceitos. Ainda é uma luta árdua para a comunidade LGBT buscar seu reconhecimento em uma sociedade predominantemente heteronormativa.

3.1 REPRESENTATIVIDADE

Stuart Hall (2014, p. 9) afirma que as sociedades estão mudando, reconhecendo, afinal, novas identidades: “As velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno.”

No entanto, mesmo com as mudanças do mundo moderno favoráveis à comunidade LGBT, ao abrir espaço para diferentes identidades, esta busca de representatividade também abre caminhos para que a sociedade, ainda em parte preconceituosa, continue estigmatizando esses indivíduos e grupos, “[...]impedindo que eles se entendam e sejam entendidos em sua diferença” (MARQUES, 2003, p.1 apud GUIMARÃES DA SILVA, 2016, p. 22). Contudo, a resistência existe também para que, mesmo ao receber opressão, a comunidade LGBT se apresente contra a marginalização. A dificuldade de não reconhecer o outro como normal se torna, em grande parte, preconceito e os indivíduos que sofrem com as restrições que a sociedade impõe acabam marginalizados e reconhecendo somente em seus iguais, refúgio. Neste sentido, Guilherme Moreira Fernandes (2011, p. 7) diz que

[...] é difícil para um homossexual se declarar gay nos ambientes de trabalho e escolar, porém, quando está junto a outros homossexuais ele (pode) não tem (ter) problemas em se assumir como tal, desde, é claro, que já tenha passado pelo processo de come out (sair do armário).

O reconhecimento no próximo, no igual, não diminui a luta pela igualdade e aceitação da homocultura. José Carlos Barcellos (2006) apresenta este termo como uma união de forças referentes à comunidade LGBT, no sentido de encontrar “[...] a necessidade absoluta de um combate sem tréguas à homofobia, onde quer que ela se manifeste” (BARCELLOS, 2006, p. 11). O autor apresenta o termo homocultura como a liberalização de costumes opostos à lógica já reconhecida e acentuada pela heteronormatividade, ou seja, pela segregação, perseguição e opressão à comunidade LGBT, fato este que se apresenta pelo simples motivo da heteronormatividade não reconhecer o que é diferente. Portanto, a homocultura é

[...] mais do que uma mera conceituação, o termo “homocultura” implica uma ação, desenvolvendo dinâmica e dialeticamente o aspecto pragmático de todo signo... [...] o signo “homocultura” promove, energeticamente, uma atitude, uma intervenção, um comportamento. (BARCELLOS, 2006. p. 11)

As discussões e repressões criadas por parte da sociedade em relação à comunidade LGBT partem de dois pontos: a sociedade muitas vezes não reconhece o outro em sua integridade humana e a falta de conhecimento. Tais situações, dificultam a conscientização sobre esse grupo. Apesar da evolução da sociedade, homossexualidade e gênero ainda são tabus, bem como o âmbito da sexualidade em geral. Marco Aurélio Máximo Prado e Frederico Viana Machado apontam que “[...] o preconceito social produziu a invisibilidade de certas identidades sexuais, garantindo a subalternidade de alguns direitos sociais e, por sua vez, legitimando práticas de inferiorizações sociais, como a homofobia” (PRADO e MACHADO, 2008, p; 70). Dentre estes preconceitos sociais, de acordo com os autores, a inferiorização da comunidade LGBT deve-se a

[...] atribuições sociais negativas advindas da moral, da religião ou mesmo das ciências, para produzir o que aqui denominamos de hierarquia sexual, a qual é embasada em um conjunto de valores e práticas sociais que constituem a heteronormatividade como um campo normativo e regulador das relações humanas (PRADO; MACHADO, 2008, p. 70).

Entendemos que as relações humanas heteronormativas, descritas pelos autores, são culturais. Afinal, viemos de uma cultura onde o diferente é anormal e repugnante. E no que se refere a homossexualidade, não seria diferente. De acordo com os autores a homossexualidade é

[...] mais que o comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, é mais que a orientação do desejo sexual para pessoas do mesmo

sexo, e é mais que nutrir afetos por pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade pode abranger todas essas características, parte delas ou ainda ultrapassar essas definições através dos complexos arranjos culturais que o ser humano é capaz de criar. (PRADO e MACHADO, 2008, p. 28)

A homossexualidade, percebida como uma capacidade do ser humano referente à orientação sexual, se encaixa perfeitamente no que se refere aos avanços da sociedade, às mudanças. A adaptação ao que é diferente não exclui o que já é considerado como padrão pela sociedade, mas que a homossexualidade se faça também presente. Daniel Borrillo (2010, p. 15-16) problematiza ainda a homossexualidade por um ponto de vista não somente social, mas linguístico, ao discutir como é percebida a representatividade das diferenças entre homossexualidade e heteronormatividade nos dicionários formais:

Enquanto a heterossexualidade é definida pelo dicionário como a sexualidade (considerada normal) do heterossexual, e este, como aquele que experimenta uma atração sexual (considerada normal) pelos indivíduos do sexo oposto, a homossexualidade, por sua vez, encontra-se desprovida dessa normalidade. Nos dicionários de sinônimos, nem há registro da palavra “heterossexualidade”; em compensação, termos tais como androgamia, androfilia, homofilia, inversão, pederastia, pedofilia, socratismo, uranismo, androfobia, lesbianismo, safismo e tribadismo são propostos como equivalentes ao de ‘homossexualidade’ [...] Essa desproporção no campo da linguagem revela uma operação ideológica que consiste em nomear, superabundantemente, aquilo que aparece como problemático e deixar implícito o que, supostamente, é evidente e natural.

As divergências na forma de tratamento da comunidade LGBT apresentam claramente que a sociedade desqualifica as diferenças. De acordo com Hall (2005), esta reprovação do reconhecimento de novas identidades mostra que o aumento da diversidade cultural ainda é visto como um incômodo. No entanto, é importante ressaltar que, com a geração de novas identidades, parcelas da sociedade que ainda não se encaixam nos padrões sociais encontram outros caminhos e novas comunidades onde possam se identificar e se reconhecer: “À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar” (HALL, 2005, p. 13).

Diferente da homossexualidade como orientação sexual, o que se refere à identidade de gênero também se torna um complexo fator estruturante do preconceito estabelecido na sociedade perante a comunidade LGBT. De acordo com o Manual de

Comunicação LGBT, identidade de gênero refere-se à “[...] percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico.” (ABGLT, 2009). Fernando Luiz Cardoso, aponta que a identidade de gênero

[...] corresponde à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. Ainda se pode acrescentar em relação à identidade do gênero que ela inclui o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (CARDOSO, 2008 apud JOSÉ PRESTES, 2016, p. 25-26)

Deve-se destacar que a identidade de gênero é diferente de orientação sexual. O autor descreve a orientação sexual como a “[...] capacidade do ser humano possuir profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas.” (CARDOSO, 2008 apud JOSÉ PRESTES, 2016, p. 26). Entretanto, Guacira Lopes Louro aponta que ainda que sejam diferentes, pode-se encontrar uma inter-relação entre elas perante a construção do sujeito. “Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres, etc.)” (LOURO, 1997, p. 27).

Por sua vez, a dimensão da construção da identidade de gênero é relevante para que se perceba como tais representações se manifestam em diferentes realidades culturais, ou seja, a percepção do que é gênero, do que é masculino e feminino perante culturas distintas apresenta também como as atividades e os entendimentos produzem as diferenças, construindo por sua vez organizações sociais. Isso nos leva a

Refletir sobre os modos como as convenções sociais sobre o masculino e o feminino são produzidas, associadas a distintas formas de relações de poder e os modos como estas convenções produzem hierarquias e desigualdades. (VEIGA, 2010, p. 49).

Portanto, independentemente de ser relativo à orientação sexual ou identidade de gênero, o caminho a seguir em busca da igualdade social para a comunidade LGBT continua atravessando diversas dificuldades. Contudo, deve-se perceber que, como

um sinal positivo, a comunidade LGBT em geral vem ganhando mais espaço e reconhecimento social e os direitos seguem em direção à evolução,

Aos poucos, gays, lésbicas, travestis, transexuais entre outros deixam de ser lendas urbanas, anomalias sociais ou sujeitos patologizados, para se tornarem sujeitos políticos, que passam a reivindicar equivalência de direitos implicada muitas vezes pela construção de novos direitos sociais e/ou pela desconstrução de direitos estabelecidos (PRADO; MACHADO, 2008, p. 14)

Diante do exposto referente à comunidade LGBT, das dificuldades e dos avanços que este público encontra ao longo dos anos, é relevante destacar o papel do jornalista como um transmissor de informação, bem como formador de opinião. A comunidade LGBT em geral tem ganhado mais espaço na mídia, novelas, jornais e também tem sido personagens em reportagens, como as que foram vencedoras do Prêmio Vladimir Herzog.

3.1.2 PERSPECTIVA LGBT NO JORNALISMO

Uma visão social de acordo com uma postura ética e ligada à percepção de direitos humanos deve estar presente na conduta do profissional do jornalismo. Essa postura está presente no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, prevista na proibição do artigo. 10: “[...] concordar com a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de sexo e de orientação sexual” e no artigo. 16: “O jornalista deve pugnar pelo exercício da soberania nacional, em seus aspectos político, econômico e social, e pela prevalência da vontade da maioria da sociedade, respeitados os direitos das minorias.”.

Como mídia, o jornalismo deve exercer a função de noticiar assuntos de apelo social. Entretanto, neste aspecto, a carência de falar sobre os mais variados assuntos, cria uma ineficiência comunicacional. Abordando em específico o apelo à comunidade LGBT, Bruno Leal e Carlos Carvalho dizem que

[...] os silêncios sobre a homofobia, suas práticas e suas consequências compõem o universo dos “discursos” das mídias, à medida que não falar sobre um determinado tema não é simplesmente desconhecê-lo, mas resulta de uma escolha consciente, marcada, no mínimo, por “critérios de noticiabilidade”, nunca neutros, apesar de dotados de uma suposta racionalidade. (LEAL; CARVALHO, 2009, p. 8-9)

É importante identificar que o jornalismo não está em conexão com o processo difamatório ou de discriminação. Mas, independentemente disso, pode atuar como uma das formas de transformar e mudar, no papel de formadores de opinião, a conduta do outro e, assim, eliminar os estereótipos que, segundo João Freire Filho, “[...] não se limitam a identificar categorias gerais de pessoas – contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, visão de mundo ou sua história.” (FREIRE FILHO, 2004, p. 97).

As representações da comunidade LGBT são proporcionadas não somente pelo jornalismo. Com o avanço da luta LGBT, grupos sociais de apoio criaram movimentos que, além de serem representados indiretamente e diretamente pela mídia, também jornalística, conquistaram seu espaço de forma individual. Tais grupos de representação perceberam que sua presença na mídia é tão importante como a imagem propriamente dita do que é considerado normal pela maioria da sociedade. Quando pensamos e vemos personagens LGBT em reportagens, por exemplo, temos a impressão que esta manifestação ocorreu por interesse somente do jornalismo em representar este movimento, sendo que, como consequência da resistência e luta da comunidade LGBT, seu espaço na mídia foi conquistado por mérito próprio. De acordo com Guacira Lopes Louro (2008, p. 20),

[...] os movimentos sociais organizados (dentre eles o movimento feminista e os das “minorias” sexuais) compreenderam, desde logo, que o acesso e o controle dos espaços culturais, como a mídia, o cinema, a televisão, os jornais, os currículos das escolas e universidades, eram fundamentais. A voz que ali se fizera ouvir, até então, havia sido a do homem branco heterossexual. Ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável. Construíram representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais.

Devemos ressaltar que, ainda que a comunidade LGBT tenha conquistado mais espaço na mídia, a impressão de marginalidade e fragilidade das personagens LGBT contribui para que o estereótipo de inferiorização continue. Segundo Hall, a representação do sujeito LGBT perante a mídia, e consequentemente o jornalismo, evoluiu a lentos passos para um reconhecimento considerado igualitário. Entretanto, o movimento que busca os espaços para a comunidade LGBT na mídia vem reduzindo esta segregação

[...] a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo como agora, e isso

não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais do movimento de gays e lésbicas, como resultado de um novo tipo de política cultural (HALL, 2013, p. 376).

A presença de jornalistas engajados com a causa LGBT se tornou cada vez mais comum em redações de revistas e jornais, um reflexo do avanço das conquistas da comunidade LGBT. Fato este constatado pelo reconhecimento de trabalhos jornalísticos voltados para a visão da comunidade e vida de personagens LGBT. O Prêmio Vladimir Herzog é um exemplo de visibilidade desta comunidade específica com trabalhos premiados.

4 METODOLOGIA

Durante a realização de uma pesquisa, podemos encontrar variadas possibilidades de análise e abordagem. Quanto às técnicas metodológicas, elas podem ser pesquisas de opinião, documentais, estudo de caso, semiótico, entre outras. Quando nos referimos às abordagens, podemos classificá-las como quantitativas ou qualitativas, ainda que em algumas pesquisas estas duas abordagens coexistam e se complementem.

Neste trabalho, para a realização da pesquisa foi adotada a abordagem qualitativa e em um primeiro momento, foi feita uma revisão da literatura. De acordo com Ilda Regina Stumpf (2005, p. 51) a revisão da literatura

[...] é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias idéias e opiniões. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

A autora descreve que antes de iniciar o processo de revisão da literatura para realização de uma pesquisa, é necessário identificar o objetivo e o problema para que os dados encontrados criem embasamento para o estudo da análise: “A revisão da literatura é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa, iniciando com a formulação do problema e/ou objetivos do estudo e indo até a análise dos resultados” (2005, p. 52).

Após a revisão dos estudos dos autores através da busca de livros em bibliotecas e por meio da internet, em um segundo momento foi empregada a técnica de análise de conteúdo como meio de classificação e identificação das reportagens vencedoras do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

De acordo com Laurence Bardin, a análise de conteúdo “[...] procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça.” (2007, p. 38). Para

reconhecer, portanto, tal conteúdo da análise, devemos entender primeiramente que a análise de conteúdo é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção; recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2007, p. 37).

A autora explica que a análise de conteúdo como fala a partir do reconhecimento da dedicação e interpretação é o que se deve analisar por meio de um objetivo. Este objetivo “[...] não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.” (BARDIN, 2007, p. 27).

Em sua maioria, identificamos a análise de conteúdo como funcional e numérica, ou seja, em referência à abordagem quantitativa. Entretanto, a análise de conteúdo como descrição de aspectos da fala e da linguagem também se apresenta como qualitativa. De acordo com Duarte e Barros, a “[...] análise de conteúdo oscila entre esses dois polos, ora valorizando o aspecto quantitativo, ora o qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador.” (FONSECA JUNIOR, 2005, p.285).

Laville e Dionne (1999, p. 224) explicam que na abordagem quantitativa o pesquisador “[...] constrói distribuições de frequência e outros índices numéricos. Em seguida põe em movimento o aparelho estatístico habitual, com seus cálculos de coeficientes, análises de variância e outros mecanismos.”, enquanto que a abordagem qualitativa se apoia em designação de elementos.

[...] antes de reduzir a uma simples frequência todos aqueles reunidos sob uma mesma rubrica como se fossem equivalentes, o pesquisador detém-se em suas peculiaridades, suas nuances que aí se expressam, do mesmo modo que nas relações entre as unidades de sentido assim construídas. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 225)

Os autores ainda descrevem que, para a compreensão das mensagens, é necessário identificar que “[...] as perspectivas quantitativas e qualitativas não se opõem então e podem até parecer complementares, cada uma ajudando à sua maneira o pesquisador a cumprir sua tarefa, que é a de extrair as significações essenciais da mensagem.” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 225).

Ao descrever como a análise de conteúdo se manifesta também como um meio de análise qualitativa, Bardin diz que é necessária a criação de uma fase de organização que

[...] tem por meio objectivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise [...] Geralmente, esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final. (BARDIN, 2007, p. 89)

Todas estas etapas de organização da análise e compreensão dos objetos se baseiam em uma leitura flutuante, citada por Bardin, que consiste em “[...] estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações.” (BARDIN, 2007, p. 90).

Bardin ainda descreve a análise de conteúdo também como um sistema que pode criar e distribuir categorias, para que os objetos da pesquisa sejam analisados. Neste sentido a autora diz que a análise categorial “[...] funciona por operações de divisão do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 2007, p. 147). Portanto, é necessário perceber elementos que sejam semelhantes a todos os instrumentos de estudo para que estes possam constituir as categorias de análise.

Para entender se a abordagem das matérias selecionadas para esta análise foi humanizada ou não, foram elaboradas três grandes categorias, apresentação da personagem LGBT e visibilidade, subdivididas da seguinte forma:

a) Apresentação da personagem LGBT

- Utilização do nome social e pronomes corretos (a figura da personagem foi associada linguisticamente às suas condições);
- Interesse biográfico (a vida da personagem foi apresentada);
- Difamação e discriminação (a personagem foi exposta a situações de constrangimento, marginalização ou rejeição);
- Promoção à diversidade humana (o conteúdo incentiva o entendimento coletivo);

b) Visibilidade

- Protagonismo da personagem (a personagem foi apresentada como peça fundamental da narrativa);
- Voz ativa (as personagens tiveram espaço para falar);
- Olhar humanizado (a personagem foi apresentada de forma respeitosa);
- Vulnerabilidade (a personagem foi exposta de modo negativo);
-

Por meio destas categorias, foi possível identificar qual o tratamento dispensado à personagem LGBT nas matérias premiadas e perceber como a imagem destas personagens foi transmitida ao público.

4.2 SELEÇÃO DOS OBJETOS

Nesta pesquisa, foram analisados trabalhos jornalísticos voltados para a temática LGBT ganhadores do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, em um movimento de identificação da narrativa das personagens desta comunidade. O objetivo desta pesquisa foi apontar como os jornalistas, a equipe jornalística de produção e consequentemente a premiação, abordam a comunidade LGBT nos trabalhos vencedores, que foram considerados dignos da honraria de um prêmio voltado para questões de direitos humanos, e como estas personagens são vistas, principalmente no que se refere à humanização.

Em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa na planilha de divulgação completa dos trabalhos premiados disponível no site oficial do Prêmio. Em um total de 745 trabalhos premiados dos mais diversos assuntos relacionados à anistia e direitos humanos desde 1979 até os dias atuais, foram localizados seis trabalhos que abordam a pauta LGBT. Entretanto, não foi possível analisar a reportagem “Viva a Diferença” da TV Bandeirantes – Rio Grande do Sul, da jornalista Luci Jorge, premiada em 2006 na categoria TV, visto a reportagem em boa qualidade de áudio não ter sido localizada mesmo após uma pesquisa pela internet e em contato com a TV Bandeirantes. A reportagem foi localizada nos arquivos da premiação, contudo o áudio do único arquivo encontrado está corrompido, sendo inacessível a análise deste objeto.

Em seguida, os trabalhos acessíveis foram consultados e posteriormente se tornaram os objetos de estudo desta análise. Os trabalhos premiados e analisados são:

- Categoria Artes: O Segredo do Faraó (2002)
Veículo: Revista Dynamite
Autor: Márcio Baraldi

- Categoria TV Reportagem: Máfia do Sexo (2002)
Veículo: TV RBS - Porto Alegre - RS
Autor: Giovani Grizotti

- Categoria Revista: Precisamos falar sobre Romeo... (2015)
Veículo: Nova Escola/SP
Autor: Wellington Soares

- Categoria Produção Jornalística em Multimídia - O Mapa da Homofobia em SP (2017)
Veículo: G1 / Globo.com / São Paulo
Autor(es): Rodrigo Cunha, Thiago Reis, Fabíola Glenia, Marcelo Brandt, Kleber Tomaz, Igor Estrella, Beatriz Souza, Mariana Mendicelli, Glauco Araújo, Alexandre Mauro, Rogério Banquieri, Wagner Santos, Sávio Ladeira

- Categoria Produção Jornalística em Vídeo - Quem sou Eu? (2017)
Veículo: TV Globo - Rio de Janeiro - RJ
Autor(es): Renata Ceribelli, Marconi Matos, Walmor Júnior, Aida Queiroz, Alex Carvalho, Cesar Coelho, Chico Chagas, Cláudio Guterres, Filippi Nahar, Flávio Fernandes, Marcos Aurélio Silva, Nunuca Vieira, Bruno Aversa Della Latta

Ressaltar a representatividade LGBT em prêmios, ainda mais em um voltado para Direitos Humanos, é de extrema importância para o reconhecimento da comunidade LGBT. Durante a primeira busca por prêmios voltados para esta temática nesta premiação, a constatação de poucos trabalhos premiados com essa pauta se tornou primordial para a realização desta pesquisa.

5 ANÁLISE DOS TRABALHOS PREMIADOS

5.1 O SEGREDO DO FARAÓ

Vencedor na categoria “artes” do Prêmio, em 2002, o trabalho “O Segredo do Faraó”, publicado na Revista Dynamite, foi produzido pelo cartunista Márcio Baraldi. Em formato de quadrinhos, a peça conta a história da “Homocionante Ultravesti”, uma representação de uma travesti com superpoderes, fisicamente forte, peitos de fora e fantasias com símbolos de coração, que é engajada em salvar a comunidade LGBT dos preconceitos da sociedade enquanto o termo “homo” para a palavra emocionante, remete-se a um trocadilho. Entretanto, boa parte da sociedade não sabe o que é a travesti. Para Jaqueline Gomes de Jesus, travestis são “[...] as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero” (GOMES DE JESUS, 2012, p. 17).

Separada em quatro artes, a primeira peça mostra a personagem “em seu apê na boca do lixo” lendo um jornal, onde na capa está estampada a notícia, “Gays presos no Egito”. O local da personagem retratado como “lixo” revela o estereótipo que as travestis enfrentam, sendo retratadas como pessoas à margem da sociedade. A personagem, então, voa até a Índia, deixando no céu um rastro de arco-íris. Ao chegar, ela vai direto aos presídios da Índia em busca dos presos da notícia com a intenção de libertá-los, entretanto não os encontra. Ao questionar um dos guardas de uma das prisões, ele responde “não sabemos nada desses sodomitas hereges, nem queremos saber! Eles são uma vergonha pro país!!!”. A fala do policial, “sodomitas hereges”, é utilizada para caracterizar homossexuais como pessoas que se preocupam apenas com o prazer da carne e contrárias a ideologias religiosas.

Seguindo para a segunda peça deste trabalho, a personagem busca uma esfinge falante, que lhe promete ajuda para encontrar os presos caso consiga desvendar um enigma. Ultravesti é desafiada a descobrir um enigma sobre como é possível reconhecer uma travesti em um tom cômico e depreciativo. A personagem desvenda a charada e recebe da esfinge a informação que os presos estão em uma pirâmide. Ao encontrá-los, a personagem é recebida pelos presos com a frase “Alá seja louvado! Alguém veio nos salvar!”. Allah, na cultura indiana, representa um Deus onipotente, onde a cultura é influenciada pela submissão do Islã (religião articulada

pelo alcorão, sendo este a representação da palavra de Deus e abertamente contra homossexuais).

Na terceira peça, Ultravesti é atacada por uma múmia homofóbica que tenta proibi-la de resgatar os presos. A múmia dispara para a personagem a frase “morte às bichas nojentas”. Apesar das metáforas e das personagens secundárias, como a esfinge e a múmia, por exemplo, as atitudes refletem o que hoje em dia ainda é vivenciado na sociedade, por pessoas reais. Seguindo para a quarta e última peça, a personagem vence a disputa contra a múmia, que na verdade é um guarda disfarçado. Ao finalmente libertar os presos, Ultravesti os questiona, “mas por que esse teatro todo afinal?!? Por que não prenderam vocês em uma cadeia comum?!?”. Os presos respondem que o motivo de estarem isolados deve-se à polícia indiana ter medo de que eles revelassem que o faraó, na verdade, era gay. Os presos descobriram pinturas na pirâmide onde mostra o faraó Tutancâmon, rei do antigo egito, tendo relações sexuais com outros homens. Um dos presos diz para Ultravesti que “a homossexualidade era abençoada pelos Deuses”. A personagem, portanto, tira fotos das pinturas e espalha para a imprensa o “segredo do faraó”.

Percebe-se então que toda a trama gira em torno de um assunto extremamente delicado e afrontosamente crítico. Retratar Tutancâmon como homossexual é uma quebra de centenas de anos de paradigmas de uma sociedade majoritariamente heterossexual e veementemente contra a homossexualidade. Ao final da peça, Ultravesti e os presos, aos beijos, comemoram com uma festa na esfinge.

Quanto aos critérios de avaliação, a personagem principal é a essência da história. Percebe-se que o autor, criou um espaço cômico, entretanto, crítico. O uso das palavras, a imagem da personagem principal e a relação com um país onde a homossexualidade é proibida criam uma cena de contemporaneidade que, mesmo com os avanços da comunidade LGBT, em vários lugares do mundo, bem como no Brasil, o preconceito ainda é grande. A imagem de uma travesti como super-heroína, com superpoderes e empoderada, é outra crítica utilizada pelo autor visto que, essa parcela da sociedade é sempre marginalizada, esquecida e normalmente associada a práticas como prostituição, violência, tráfico... Logo o uso de uma travesti nas condições normais, pela visão da sociedade, ser representada frente a uma colocação positiva promove a diversidade e diminui a discriminação. Em todos os aspectos, neste caso, referindo-se a uma “história em quadrinhos” as personagens LGBT são uma representação da imaginação do autor para um mundo que ainda tem bastante

o que avançar na busca para reconhecer uma travesti como exemplo de força, coragem e supremacia.

Quadro 1 - Critérios de avaliação das categorias

O Segredo do Faraó				
Apresentação das Personagens LGBT	Utilização do nome social e pronomes corretos	Interesse Biográfico	Difamação e Discriminação	Promoção a Diversidade Humana
Atende aos critérios?	Sim	Não	Não	Sim
Visibilidade	Protagonismo da Personagem	Voz Ativa	Olhar Humanizado	Vulnerabilidade
Atende aos critérios?	Sim	Sim	Sim	Não

Fonte: do autor

5.2 MÁFIA DO SEXO

A reportagem foi publicada pela TV RBS de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 2002, pelo repórter Giovani Grizotti no telejornal “Teledomingo”. A matéria retrata um esquema de prostituição de travestis comandado por Sandro Márcio Vasconcelos Porto, conhecida como Sandra Mara, que na época tinha 28 anos. A travesti, chefe da máfia, explorava, traficava, exportava e chegava a cobrar pedágios de outras travestis para que pudessem se prostituir na cidade. Durante a reportagem, outras travestis que preferiram não se identificar revelam como funcionava o esquema e também mostram as marcas da violência que sofriam por Sandra Mara e outras travestis. Uma das travestis expõe que à época, não aceitou participar do esquema de pagamento de pedágio, de cinquenta reais por semana, e por este motivo foi brutalmente espancada por outras travestis a mando de Sandra Mara. Ela também

conta que, caso alguma das travestis não fizesse exatamente o que a chefe mandava, elas eram multadas em valores que chegavam a até quinhentos reais.

O esquema é revelado quando o repórter decide, por meio de uma gravação escondida, conversar pessoalmente com Sandra Mara enquanto ela está em um ponto de prostituição. Sandra confirma, aos risos, a prática da máfia com as travestis e conta que nos casos de não pagamento dos pedágios ou das multas, as travestis poderiam sofrer “acidentes”. Flávio José Corrêa foi uma das vítimas do esquema. Ele foi assassinado por Maximiliano, namorado de Sandra Mara. A arma usada no crime foi encontrada no apartamento da travesti.

O repórter ganha a confiança de Sandra Mara e, novamente com microfones e uma câmera escondida, ele entra no apartamento dela, onde consegue mais revelações da traficante. Sandra Mara durante toda a reportagem se mostra irônica, destemida e sem medo de falar sobre o esquema que comandava. A travesti começou com a prostituição em Milão, na Itália, e conta com orgulho da vida de luxo que levava na Europa. Foi neste momento de sua vida que Sandra começou com a máfia e tornou-a um esquema internacional. Sandra revela que uma travesti brasileira, à época, poderia custar até dez mil dólares.

Outras travestis, que também não se identificam, contam que Sandra trabalhava impondo medo, dor e que o sofrimento que passavam nas mãos da mandante era terrível. Elas revelam que tinham medo de denunciar, muitas se calavam com o receio de sofrerem espancamentos ou até mesmo serem assassinadas por Sandra. Duas semanas após a denúncia da reportagem no Teledomingo, Sandra Mara foi presa. Seu namorado, acusado de ser o mandante do assassinato de Flávio, também foi preso e acusado por homicídio duplamente qualificado.

Na reportagem, fica claro que o foco principal está na personagem como uma criminosa que comete atrocidades contra outras travestis, outros seres humanos. O primeiro fator negativo na avaliação desta reportagem é que o fato de Sandra ser travesti ou não para o repórter é imperceptível. A constatação principal é sobre uma pessoa que faz parte de um esquema de prostituição, esquecendo-se, portanto, da sua condição social. Durante esta reportagem percebe-se também que somente a biografia de Sandra Mara é abordada. Quem sofre com o esquema de prostituição, todas as outras travestis comandadas por Sandra Mara, deveria ter levado em conta as angústias, a vida, o que fez aquelas travestis chegarem até aquele ponto. Contudo,

as travestis que sofrem com o esquema de prostituição não são aprofundadas, nenhuma história sobre elas é contada. Percebe-se também o tratamento. Sandra Mara e as outras travestis mostradas na reportagem são sempre relacionadas ao sexo masculino. Neste sentido, Jesus afirma: “É importante ressaltar que a maioria das travestis, independentemente da forma como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultuoso serem adjetivadas no masculino, logo: As travestis sim, Os travestis não” (GOMES DE JESUS, 2012, p. 17). O repórter utiliza, por exemplo, os termos “o travesti que tem medo de aparecer...” ou “ele foi atacado quando fazia ponto nesta esquina” ou “o travesti sofreu as consequências...” entre outras, sempre se referindo de forma errada quanto aos pronomes corretos. Fato que torna a reportagem depreciativa. De acordo com o Manual de Comunicação LGBT

Utiliza-se o artigo definido feminino “A” para falar da Travesti (aquela que possui seios, corpo, vestimentas, cabelos, e formas femininas). É incorreto usar o artigo masculino, por exemplo, “O” travesti Maria, pois está se referindo a uma pessoa do gênero feminino. [...] ao substituir as expressões “o travesti” por “a travesti”, os profissionais de comunicação estão colocando sua responsabilidade social e seu profissionalismo acima dos preconceitos sociais. (ABGLT, 2009)

Tais expressões quanto às referências utilizadas pelo repórter para se referir às travestis aumentam, portanto, a discriminação por não reconhecer o gênero em que aquela pessoa se reconhece, desta forma, deixando de promover a diversidade humana e formando erroneamente a opinião pública sobre a forma de tratamento que deve ser destinada às travestis.

Diante dos critérios para avaliação desta reportagem, tratando-se de um trabalho ganhador em um prêmio que promove os direitos humanos, percebe-se que vários aspectos como tratamento, humanização, exposição positiva da personagem e pronomes de tratamento, por exemplo, não foram utilizados da forma mais apropriada.

Quadro 2 - Critérios de avaliação das categorias

Máfia do Sexo				
Apresentação das Personagens LGBT	Utilização do nome social e pronomes corretos	Interesse Biográfico	Difamação e Discriminação	Promoção a Diversidade Humana
Atende aos critérios?	Não	Não	Sim	Não
Visibilidade	Protagonismo da Personagem	Voz Ativa	Olhar Humanizado	Vulnerabilidade
Atende aos critérios?	Sim	Sim	Não	Sim

Fonte: do autor

5.3 PRECISAMOS FALAR SOBRE ROMEO...

Romeo Clarke, de apenas 5 anos, mora em Rugby, no Reino Unido, e adora usar vestidos, que como ele mesmo disse ao tabloide Daily Mirror “são fofos, bonitos e têm muito brilho”. São mais de 100 exemplares. Entretanto, sua vontade de usar todos estes vestidos o proibiu de frequentar o projeto de contraturno que considerava suas roupas impróprias. De acordo com o projeto, sua vestimenta não condiz com seu gênero. Romeo é a inspiração que o jornalista Wellington Soares encontrou para a matéria “Precisamos falar sobre Romeo...”, publicada pela Nova Escola/SP e vencedora da categoria revista do Prêmio Vladimir Herzog na edição de 2015.

Com este caso de discussão de sexualidade e gênero de Romeo, o jornalista busca casos semelhantes em escolas do Brasil. A reportagem aborda como deve ser o comportamento das escolas nas discussões sobre gênero e sexualidade e também sobre a importância de abraçar este tema com crianças e adolescentes que estão em fase de conhecimento sobre as diferenças entre eles. Durante a reportagem, o jornalista apresenta casos de discriminação, falta de apoio de professores e coordenadores sobre assuntos relacionados à diversidade.

Com uma introdução sobre os debates de sexualidade e gênero desde o século 20, a reportagem traz personagens reais que hoje em dia convivem com as complicações de serem quem são em uma sociedade que não aceita as diferenças. Dentre eles, está o caso de Iana Mallmann de 18 anos, moradora de Brasília que saiu de uma escola particular para estudar em uma escola pública após, na escola particular ter sido obrigada a usar saias, sentar de pernas cruzadas e ser chamada de “menina-macho”. Também a história de Emilson, que foi repreendido pela escola por ter ido às aulas usando saia. O jornalista propõe como a escola deve agir em situações como estas. Aborda que os questionamentos sobre gênero e sexualidade devem ser discutidos e que é irresponsabilidade das escolas não reconhecer as crianças e adolescentes em suas decisões.

Neste trabalho premiado, percebe-se que o ambiente escolar ainda carece de evolução social e humana. A responsabilidade de uma visão crítica e social que é dever da escola, como tratada na reportagem, acaba esquecida quando o assunto é sexualidade e gênero. O olhar do repórter, retrata que as personagens são reconhecidas de forma respeitosa e humanizada. Entretanto, as personagens são apenas exemplos, elas não são aprofundadas. Toda a reportagem aborda a temática da transexualidade e apesar de o jornalista apresentar o que se refere a uma pessoa transexual, ele não aborda as personagens de forma aprofundada. Se tornaria interessante escutar mais detalhadamente sobre os processos de transexualidade destas personagens, como pessoas reais em vez de somente utilizar especialistas que não viveram na pele esta realidade. Entretanto, abordar este tema promove a diversidade e o conhecimento de pais e professores que de alguma forma ainda não saibam lidar com as possibilidades de atributos dos seres humanos e, em um sentido mais sentimental, dos próprios filhos e alunos. O repórter dá voz às personagens, dá protagonismo aos envolvidos e esclarece diversas diferenças entre gênero e sexualidade. Entretanto, devemos ressaltar que a ideia de ensino voltado para a heteronormatividade, o que durante a reportagem é o tema principal como causa de discriminação, é um fundamento que segundo Louro

Nas escolas não apenas as diversas áreas ou disciplinas foram produzidas sob a perspectiva masculina heterossexual (e, então, tradicionalmente, deixam de fora os saberes, as experiências e os problemas das mulheres e dos grupos homossexuais); mas todos os "textos"³, no sentido amplo do termo, são geralmente, construídos sob essa ótica. As práticas cotidianas, os arranjos físicos, a distribuição espacial e temporal dos indivíduos também inscrevem e reafirmam,

continuamente, as marcas das diferenças sexuais e de gênero. (LOURO, 2000, p.68)

Portanto percebe-se que a quebra de paradigmas na educação de professores e coordenadores também é essencial. A ideia da escola como um espaço para um olhar crítico do mundo e para construção das relações humanas é um espaço para integração de diversidade. As personagens durante toda a reportagem apontam que as escolas omitiram este papel social e inclusivo e a reportagem busca compreender estas personagens e apontar soluções.

Quadro 3 - Critérios de avaliação das categorias

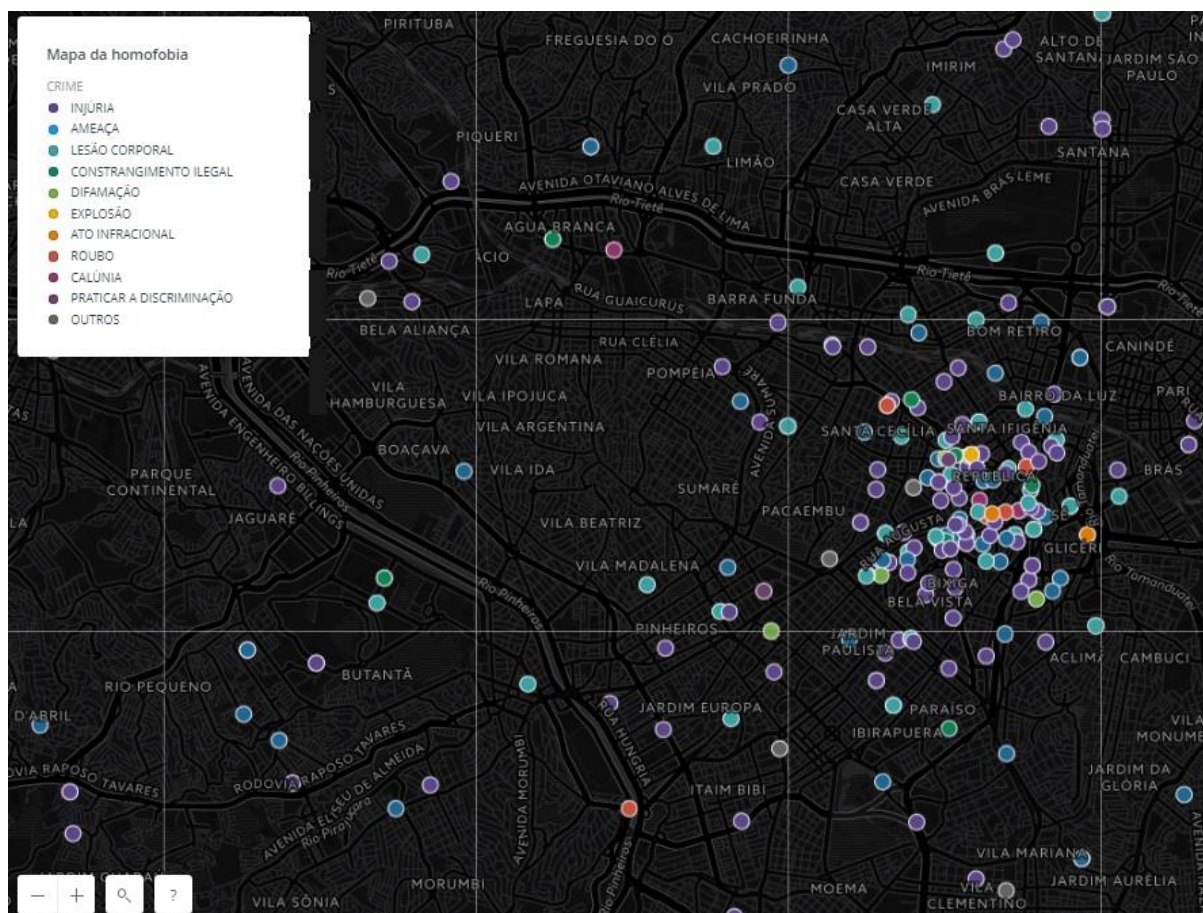
Precisamos falar sobre Romeo...				
Apresentação das Personagens LGBT	Utilização do nome social e pronomes corretos	Interesse Biográfico	Difamação e Discriminação	Promoção a Diversidade Humana
Atende aos critérios?	Sim	Não	Não	Sim
Visibilidade	Protagonismo da Personagem	Voz Ativa	Olhar Humanizado	Vulnerabilidade
Atende aos critérios?	Sim	Sim	Sim	Não

Fonte: do autor

5.4 O MAPA DA HOMOFOBIA EM SÃO PAULO

A reportagem vencedora do prêmio na categoria “produção jornalística em multimídia” tem um caráter policial. Produzida pelos jornalistas Glauco Araújo, Kleber Tomaz e Thiago Reis, foi publicada na internet pelo G1 São Paulo. Com vídeos, infográficos, mapas e fotos a hipertextualidade da reportagem é completa. Baseada em dados da Decradi (Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância), a

reportagem apresenta que, em 10 anos, em média uma pessoa por semana procura a delegacia por crimes motivados por homofobia. A delegacia especializada foi criada em 2006, após o assassinato de Edson Neris da Silva no centro de São Paulo por um grupo de Skinheads. O mapa criado pela equipe de reportagem mostra que, no centro da cidade de São Paulo, os crimes de homofobia são alarmantes, principalmente por motivos de injúria e ameaça:



Fonte: O mapa da homofobia em São Paulo. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/sao-paulo/2017/o-mapa-da-homofobia-em-sp/>. Acesso em: 31 out. 2017

Durante a reportagem, os jornalistas apontam que o perfil dos agressores mudou. Antes pessoas próximas às vítimas eram os maiores agressores e esta realidade vem mudando, sendo hoje os casos mais comuns de homofobia virem da internet por pessoas que as vítimas não têm nenhum tipo de relação. Um dos casos mais emblemáticos no estado de São Paulo, relacionado a crimes de homofobia, foi durante a Parada Gay de 2009, quando uma bomba explodiu deixando 13 feridos, sendo todos eles homossexuais, pelo grupo neonazista Impacto Hooligan.

Apesar da existência e apoio da Decradi, em todo o estado de São Paulo só existe uma unidade que, muitas vezes, não consegue atender a todos os casos de

homofobia que são denunciados. Os jornalistas entrevistaram duas das 13 pessoas feridas na Parada Gay de 2009, que lembram da cena de violência e desespero que viveram. Entretanto, grande parte da reportagem está voltada para o serviço que a Decradi desempenha no Estado e também não conversa com nenhuma pessoa que sofreu qualquer tipo de agressão e que tenha solucionado o caso com a apoio da delegacia especializada. As personagens não são protagonistas nas reportagens. Apesar de depoimentos de alguns participantes da Parada Gay de 2009, a personagem principal da reportagem é a delegacia e o trabalho que vem fazendo.

Contudo, mesmo com o excelente trabalho da delegacia, a reportagem não apresenta o que a polícia tem feito como meio de proteção à comunidade LGBT. A delegacia é um meio de receber processos, caso a vítima tenha interesse. Mas não é apresentado como a polícia está agindo para que os casos de crimes motivados pela homofobia diminuam. As personagens são apenas dados na reportagem. Não foi possível identificar protagonismo, interesse biográfico, voz ativa e promoção à diversidade humana.

Quadro 4 - Critérios de avaliação das categorias

O Mapa da Homofobia em São Paulo				
Apresentação das Personagens LGBT	Utilização do nome social e pronomes corretos	Interesse Biográfico	Difamação e Discriminação	Promoção à Diversidade Humana
Atende aos critérios?	Sim	Não	Não	Não
Visibilidade	Protagonismo da Personagem	Voz Ativa	Olhar Humanizado	Vulnerabilidade
Atende aos critérios?	Não	Não	Sim	Sim

Fonte: do autor

5.5 QUEM SOU EU?

A série produzida pela Rede Globo e exibida no Fantástico durante um mês trouxe quatro episódios sobre transgêneros e foi vencedora do prêmio Vladimir Herzog na categoria “produção jornalística em vídeo” deste ano, com a produção da jornalista Renata Ceribelli, entre outros. Toda a série é contada pelos olhos da história de “Alice no país das maravilhas”. Alice, nesse caso, é a representação das pessoas que buscam novas identidades e a resposta para a pergunta: quem sou eu?

No primeiro episódio, a jornalista conta a história de Melissa de apenas 11 anos, o antigo Miguel. A menina, com apenas 9 anos, pediu seu primeiro vestido aos pais e desse dia em diante nunca mais voltou a se vestir como menino. Melissa conta que naquele momento “se sentiu completa”. Por ser uma criança, a jornalista apresenta esta personagem como um exemplo de superação. Com uma visão humanizada da personagem respeitando que se trata de um processo inicial da transexualidade. Neste episódio, a jornalista busca conhecer o que é a transexualidade, as dificuldades dos pais em ter uma filha transexual tão jovem e os processos de aceitação da família diante de Melissa. Eles procuraram apoio no Hospital das Clínicas de São Paulo, o primeiro centro público de atendimento a crianças transgênero do Brasil, e nesses grupos eles conheceram o que é a pessoa transgênero. O Manual de Comunicação LGBT esclarece que transgênero é a “Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade.” (ABGLT, 2009) e que o transexual é a

Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) a sua identidade de gênero constituída. (ABGLT, 2009)

A jornalista narra a história de Alice e cria comparações. Assim como as dificuldades que Alice teve que enfrentar para encontrar seu caminho, Melissa ainda passará por muito sofrimento, bem como Alice que precisou primeiro flutuar em uma piscina de lágrimas para depois encontrar uma saída.

No segundo episódio da série, a jornalista conta a história de Bernardo Moreira, de 15 anos, e sobre o começo dos tratamentos com hormônios, preconceito e bullying

dos colegas da escola por ser um adolescente trans. Bernardo conta que foi a vários psicólogos, mas que nenhum sabia o que ele era. A jornalista faz uma nova comparação com Alice quando chega ao jardim de flores falantes. Todas as flores querem saber que tipo de flor Alice é e, por ser diferente de todas as outras, Alice é desprezada, assim como Bernardo. A jornalista em nenhum momento se dirige a Bernardo no sexo feminino, corretamente se posicionando a personagem como ela se reconhece.

Neste episódio, a pianista Andréa, de 22 anos, conta como é sua relação com os hormônios para as adequações do corpo masculino para o feminino. A jornalista alerta sobre os perigos da automedicação e faz entrevistas com médicos e psicólogos. Novamente contando a história de Alice no país das maravilhas, a jornalista conta quando Alice perdida e sem saber para onde ir encontra o chapeleiro maluco que a convida para tomar um chá. Alice aproveita para tirar todas as suas dúvidas de como encontrar o caminho de volta para casa. A jornalista faz o mesmo com Andrea. Ela a convida para tomar um chá com diversos especialistas sobre transexualidade e tratamentos hormonais. Neste momento a jornalista passa a ser uma espectadora e Andrea consegue tirar todas as dúvidas que tinha sobre as medicações. Estas duas personagens são utilizadas pela jornalista para exemplificar os tratamentos e caminhos que uma pessoa trans deve tomar para que consiga de forma saudável alcançar seus objetivos.

No penúltimo episódio da série, a jornalista conta a história de Thais Rocha, de 21 anos, e sobre as relações com familiares e preconceito dentro de casa. Thais foi expulsa de casa aos 16 anos pelo fato da família não aceitar sua transexualidade. A jornalista fala da solidão que inúmeros transexuais passam quando não tem o apoio de família. Saem de casa muito cedo e nas ruas sofrem bastante violência. Ela compara tal violência com a Rainha de Copas do mundo de Alice, comparando a crueldade da rainha com a brutalidade de crimes contra transexuais no Brasil, pois “em nenhum outro lugar do mundo os trans são vítimas de tanta violência.”

Para contar o outro lado, a jornalista conta a história de Luísa, que teve o apoio dos pais e da família, principalmente no período de intervenção cirúrgica para a mudança de sexo. Com novas entrevistas com médicos e especialistas, a jornalista aponta os cuidados que se deve tomar para quem decide realizar a transição.

No último episódio da série, o tema é relacionamento amoroso e as dificuldades que os transexuais enfrentam na hora de namorar. Alessandra Azevedo, de 29 anos

e mulher trans, diz que nunca namorou, que os homens com quem se relacionou tem vergonha de assumi-la. A jornalista diz que é uma pena e que “eles estão perdendo a chance de te amar.” Também para contar o outro lado, a jornalista narra sobre o relacionamento de Leonardo Maunaz, que é um homem trans e namora uma mulher em um clima de felicidade. Ao final, apresenta Gregório, um bebê filho de um casal trans e aponta que ele é um exemplo de que crescer em uma família trans não é problema.

Dentre as categorias de análise da personagem, a série apresentada humaniza, problematiza as diferenças, aponta soluções, dá voz às personagens, demonstra a fundo a vida, dificuldades e alegrias das personagens e promove a diversidade humana e em nenhum momento as personagens são vulneráveis ou vítimas de desconforto. A Rede Globo, que por muito tempo ignorou a realidade LGBT em sua programação ou que apresentou somente os personagens LGBT em novelas por exemplo, sempre afeminados, aumentando o estereótipo de que gays são mulheres, a emissora tem aberto as portas para reportagens especiais sobre a temática LGBT, discussões de gênero e incluído as diferenças de sexualidade e gênero. Percebe-se, portanto, uma evolução. Ainda como a detentora de grande parte da mídia e um dos maiores canais de TV aberta do Brasil, trazer a reportagem “Quem sou Eu?” no Fantástico, domingo à noite, horário em que normalmente a maior parte das famílias está em casa e assistindo à programação da emissora, é uma quebra de tabus enorme para uma emissora tradicional. Isto é um sinal de que, com o avanço da luta da população LGBT, é impossível simplesmente ignorar esse tema. A emissora quis discutir, informar, explicar para seus expectadores que existem diferenças e que é importante falar sobre isso.

Quadro 5 - Critérios de avaliação das categorias

Quem sou Eu?				
Apresentação das Personagens LGBT	Utilização do nome social e pronomes corretos	Interesse Biográfico	Difamação e Discriminação	Promoção a Diversidade Humana
Atende aos critérios?	Sim	Sim	Não	Sim
Visibilidade	Protagonismo da Personagem	Voz Ativa	Olhar Humanizado	Vulnerabilidade
Atende aos critérios?	Sim	Sim	Sim	Não

Fonte: do autor

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos objetos estudados, foi possível perceber que as personagens LGBT apresentadas nas reportagens ganhadoras do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos foram representadas em formatos diferentes quanto ao tratamento. Mesmo com a representatividade e a relevância de falar sobre a comunidade LGBT, o jornalismo brasileiro ainda tem muito o que evoluir quanto a forma de falar e expor a personagem.

A pequena quantidade de trabalhos premiados sobre a comunidade LGBT abriu espaço para esta pesquisa, por entender que a presença dessa temática na premiação é ainda escassa. Como apresentado, o prêmio teve seu início em 1978, ou seja, há 39 anos. Entretanto, a primeira reportagem vencedora com a temática LGBT foi somente em 2002, 24 anos após o lançamento. Por tratar-se de uma premiação voltada para Direitos Humanos, a ausência de premiações com a relevância da personagem LGBT por mais de duas décadas é um reflexo de que o preconceito instaurado na sociedade brasileira ainda é um grande tabu. Nos 15 anos seguintes, a partir de 2002, como podemos constatar neste trabalho, seis reportagens foram vencedoras com a temática LGBT, sendo que somente em 2017 foram duas deste total. Tais dados são importantes pois mostra que o jornalismo em geral vem evoluindo e dando espaço para as personagens LGBT em grandes reportagens.

Foi importante perceber nestes poucos trabalhos premiados o que é a personagem representativa e como ela é vista tornando-se, portanto, relevante abordar o tratamento das mesmas. Apesar de o jornalismo ter muito o que evoluir, ainda mais nos cuidados com os direitos humanos, como ponto positivo percebemos que as reportagens LGBT começaram a ganhar espaço na premiação.

Seguindo para o tratamento, ponto chave desta análise, podemos perceber que, também com a proximidade dos dias atuais, as reportagens que abordaram a personagem LGBT se preocuparam mais com a exposição das mesmas. Apesar de inúmeros retrocessos que também podemos perceber em relação à causa LGBT, podemos notar que a personagem LGBT, hoje em dia, pauta de inúmeras reportagens tem sido representada de forma mais respeitosa. De acordo com a análise das categorias da abordagem dos jornalistas, percebemos situações pontuais quanto ao tratamento.

Primeiro referente aos pronomes usados para o tratamento das personagens. O cuidado dos jornalistas em não tratar de forma ofensiva a personagem é percebido nas últimas três reportagens vencedoras. Sendo que somente na primeira reportagem, em 2002, podemos perceber um tratamento inadequado. O segundo ponto é que, também com o passar do tempo, chegando aos dias atuais, houve uma preocupação em pesquisar mais sobre a vida da personagem, buscando entender suas condições e contextos. Isto nos leva ao terceiro ponto observado. A reportagem “Quem sou Eu?”, por exemplo, venceu o prêmio neste ano e sua abordagem principal é apenas expor ao público o que é a pessoa transexual. Com isso podemos perceber que, mesmo com todos os avanços relacionados aos direitos humanos, em 2017 uma reportagem somente com a intenção de educar a população sobre as diferenças de gênero foi premiada.

O Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos é um marco para o reconhecimento de jornalistas e veículos que olham para uma parte da população que sofre com o preconceito e sua presença no meio jornalístico é fundamental, entretanto, ainda é preciso aprimorar o tratamento às personagens que são representadas e ampliar o olhar sobre as questões que tocam ao público LGBT. Não somente no prêmio em questão, mas no jornalismo em geral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Hamilton. **A Sangue Quente. A morte do Jornalista Vladimir Herzog**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Guarapuava: Intercom, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em: 11 out. 2017

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba: Ajir Artes Gráficas e Editora, 2010.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. Disponível em: <[http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_emquestao/\[1\]lit_e_homo.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_emquestao/[1]lit_e_homo.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.
BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, Magia, Cotidiano**. Canoas: Ulbra, 2001.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escritura, 2002.

CHRISTIAN, Laville; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERNANDES MOREIRA, Guilherme. **Aproximações teóricas e empíricas entre a Folkcomunicação e os Estudos Culturais**. Revista Internacional de Folkcomunicação. Volume 1, Número 18, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1454>>. Acesso em: 10 out. 2017.

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, p. 51-72, 2005.

FREIRE FILHO, João. **Força de Expressão: Construção, Consumo e Contestação das Representações Midiáticas das Minorias**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

GOMES DE JESUS, Jaqueline. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2: ed. Brasília, 2012.

GUIMARÃES DA SILVA, Paula. **NÃO FOI APENAS UM BEIJO: O acontecimento beijo gay na telenovela Amor à Vida e a constituição de públicos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-AAWM6F>>. Acesso em 10 de out. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10: ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12: ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações e culturais**. 2: ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**, 2012. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/196/132>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. **Biografia do Vlado**. Disponível em: <<http://vladimirherzog.org/biografia/>>. Acesso em: 03 out. 2017.

JORDÃO, Fernando Pacheco. **Dossiê Herzog: prisão, tortura e morte no Brasil**. 6: ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 2005.

JOSÉ PRESTES, Matheus. **A comunicação e a questão da homossexualidade nas organizações**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2016.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. **Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?**. Brasília: Compós, 2009. v. 12.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Scielo, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARKUN, Paulo. **Meu querido Vlado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

NASCIMENTO FILHO, João Batista. **Crimes da ditadura militar: A saga de Vladimir Herzog**, 2012. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/5572>>. Acesso em: 03 out. 2017.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni. **O Prêmio**. Disponível em: <http://www.premiovladimirherzog.org.br/o-premio.asp>>. Acesso em 03 out. 2017.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Porto Alegre, UFRGS, 2010.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem. Notas Sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

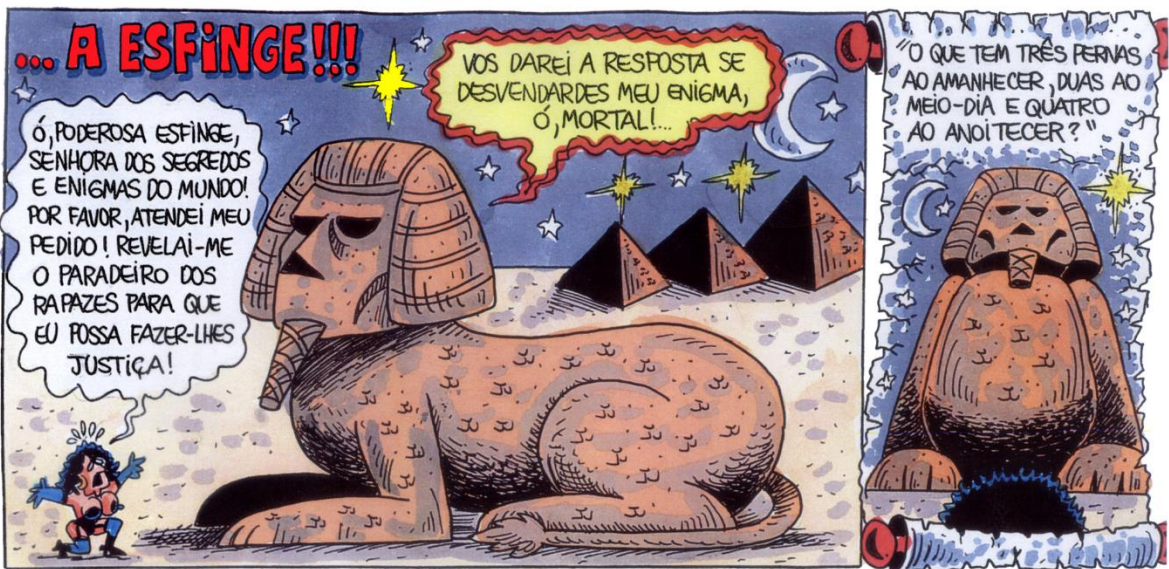
STUMPF, Ilda Regina M. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, p. 51-72, 2005.

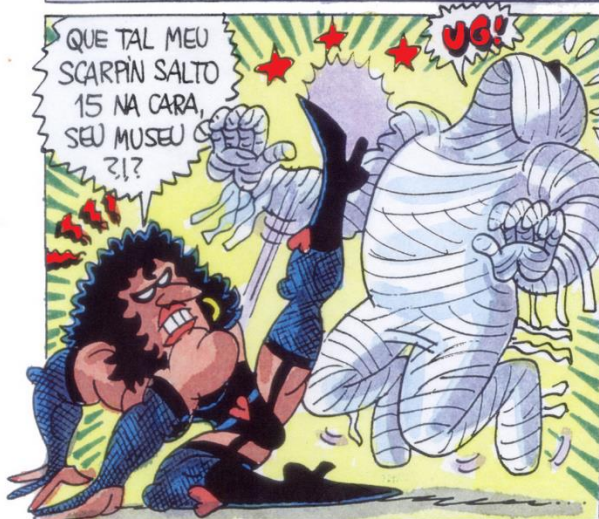
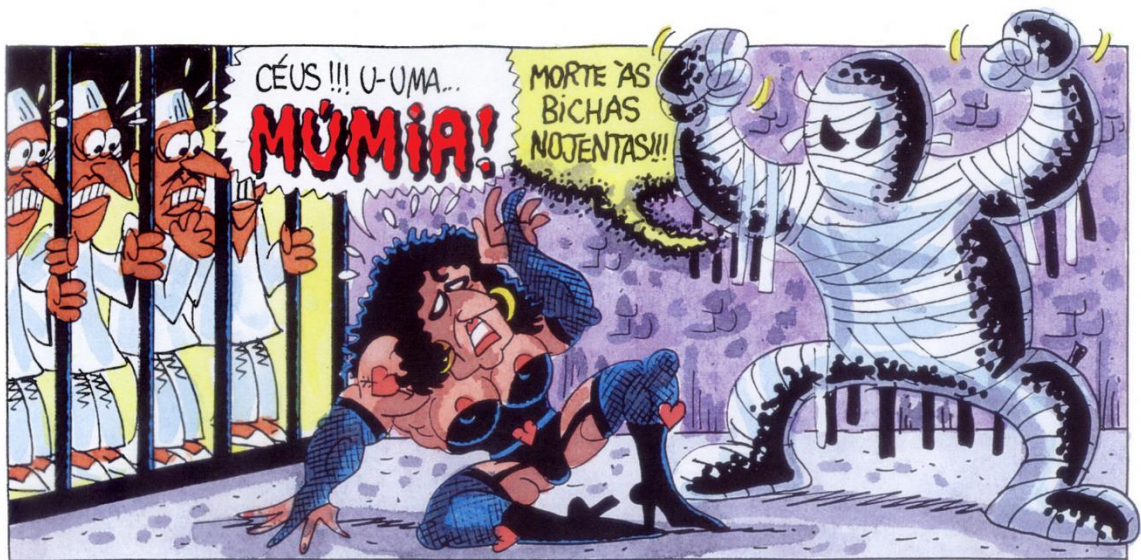
TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 4: ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VELOSO, Raíssa Benevides. **Alberto Dines e uma nova perspectiva de jornalismo**. Recife: Intercom, 2012.

ANEXO A - O Segredo do Faraó (2002)









SIM! ISSO MOSTRA QUE A HOMOSSEXUALIDADE ERA ABENÇOADA PELOS DEUSES! PÍNTOTÂMÓN FOI UM DOS FARAÓS MAIS IMPORTANTES DO EGITO, MAS O GOVERNO ATUAL É MUITO CONSERVADOR E QUIS ESCONDER ISSO DO MUNDO! POR ISSO NOS PRENDERAM LONGE DE TUDO!



MUITO BEM, AGORA VOCÊS ESTÃO LIVRES! COM ESTAS FOTOS TODO MUNDO SABERÁ A VERDADE E O POVO EGÍPCIO PASSARÁ A TER ORGULHO DOS GAYS!



MAS, ANTES DE EU IR EMBORA, QUE TAL UMA FESTINHA NA CASA DE UMA AMIGA MINHA?



ANEXO B - Máfia do Sexo (2002)

ÂNCORA 1 - UMA MÁFIA ESTÁ AGINDO NAS RUAS DE PORTO ALEGRE. ELA USA VIOLÊNCIA, COBRA PEDÁGIO E ATÉ EXPORTA TRAVESTIS PARA A EUROPA.

ÂNCORA 2 - O TELEDOMINGO INVESTIGOU E MOSTRA AGORA COMO AGE A GANGUE QUE EXPLORA SERES HUMANOS POR DINHEIRO. VOCÊ VAI VER CENAS E DEPOIMENTOS IMPRESSIONANTES.

OFF REPÓRTER - O TRAVESTI QUE TEM MEDO DE APARECER EXIBE AS MARCAS DA VIOLÊNCIA. ELE FOI ATACADO QUANDO FAZIA PONTO NESTA ESQUINA NO BAIRRO MENINO DEUS EM PORTO ALEGRE. AS AGRESSÕES ACORDARAM A VIZINHANÇA DURANTE A MADRUGADA.

SONORA VIZINHO - EU PRESENCIEI UM SUPOSTO TRAVESTI NO CHÃO E VÁRIOS TRAVESTIS O AGREDINDO INCLUSIVE CHUTANDO, DANDO MUITOS PONTAPÉS, CHUTES, SOCOS, E DEPOIS QUE ELE CAIU NO CHÃO, ELES PISOTEARAM, PULAVAM EM CIMA E OS QUE ESTAVAM AO REDOR VIBRAVAM, GRITAVAM. ENTÃO, FOI UMA CENA GROTESCA REALMENTE.

OFF REPÓRTER - O TRAVESTI SOFREU AS CONSEQUÊNCIAS POR NÃO ACEITAR PAGAR PEDÁGIO PARA PODER SE PROSTITUIR.

SONORA TRAVESTI 1 - EU ACHO QUE O VERDADEIRO MOTIVO DESSA PERSEGUIÇÃO É O FATO DE EU NÃO TER PAGADO O CACHÊ QUE É EXIGIDO, ENTENDEU, POR UMA DETERMINADA PESSOA, AS TRAVESTIS.

OFF REPÓRTER - ESTE É O HOMEM QUE EXIGE 50 REAIS POR SEMANA DE CADA TRAVESTI. QUANDO NÃO ESTÁ PERCORRENDO OS PONTOS DE PROSTITUIÇÃO PARA RECOLHER O DINHEIRO, SANDRA MARA COSTUMA FICAR NA RUA CÂNCIO GOMES A UMA QUADRA DA AVENIDA FARRAPOS. COM

UM MICROFONE ESCONDIDO, FOMOS SABER DETALHES DO ESQUEMA DE PEDÁGIO QUE ELA COMPARA COM A ADMINISTRAÇÃO DE UMA PREFEITURA.

SONORA SANDRA MARA - ENTÃO, O QUE O PREFEITO FAZ? ORGANIZA! ENTÃO A NOITE TEM SEMPRE UMA PESSOA DO LADO DAS MULHERES, DO LADO DOS HOMENS, DO LADO DAS TRAVESTIS, ALGUÉM QUE ORGANIZA TUDO!

SONORA REPÓRTER - E OS TRAVESTIS É TU QUE ORGANIZA?

SONORA SANDRA MARA - SOU EU, EXATAMENTE.

OFF REPÓRTER - ESTE TRAVESTI REVELA QUE EXISTE AINDA UM SISTEMA DE MULTAS. QUEM NÃO RESPEITA CERTAS REGRAS, PODE SER PUNIDO.

SONORA TRAVESTI 2 - ELA CHEGA E DIZ ASSIM: A FULANA, TU JOGOU CABELO NA CARA DA VALQUÍRIA. TU FOI MUITO ABUSADA, TU TÁ MULTADA EM TANTO. AÍ ELA ESTIPULA UM VALOR, 500, 200, 300, AÍ ELA ESTIPULA UM VALOR CONFORME A DESCULPA QUE ELA DÁ.

OFF REPÓRTER - DESAFIAR A MÁFIA DO SEXO PODE REPRESENTAR A MORTE, COMO ADMITE A PRÓPRIA SANDRA MARA.

PASSAGEM REPÓRTER - E JÁ ACONTECEU ALGUM PROBLEMA AI PRA QUEM NÃO QUIS PAGAR?

SONORA SANDRA MARA - VÁRIOS.

PASSAGEM REPÓRTER - O QUE?

SONORA SANDRA MARA - ACIDENTES...

PASSAGEM REPÓRTER - QUE TIPO DE ACIDENTES?

SONORA SANDRA MARA - AH, UMA LEVOU UMA FACADA, OUTRA LEVOU UM CORTE, OUTRA UMA TUNDA, OUTRO O MARIDO MORREU JUNTO COM ELA.

OFF REPÓRTER - FLÁVIO JOSÉ CORRÊA, FOI MORTO EM NOVEMBRO DO ANO PASSADO EM FRENTE A UM BAR DA AVENIDA FARRAPOS. A ARMA DO CRIME FOI APREENDIDO PELA POLÍCIA NO APARTAMENTO DE SANDRA MARA. NO INQUÉRITO REMETIDO À POLÍCIA ESTA SEMANA, SANDRA É ACUSADA DE SER A MANDANTE DO ASSASSINATO COMETIDO POR SEU NAMORADO. OS MOTIVOS SERIA UM DISPUTA PELO COMANDO DA PROSTITUIÇÃO E DO TRÁFICO DE DROGAS. ENTRE OS TRAVESTIS HÁ UMA CERTEZA, A MORTE FOI ANUNCIADA.

SONORA TRAVESTI 2 - ANTES DELE MORRER, ELA JÁ TINHA COMENTADO PRA TODO MUNDO, PRA TODAS AS PESSOAS DO NOSSO MEIO, DAS TRAVESTIS, QUE IRIA MANDAR MATAR ELE.

OFF REPÓRTER - RESOLVEMOS ENTRAR NO MUNDO SUJO E CRIMINOSO QUE SANDRA MARA VIVE. E NO APARTAMENTO DELA, QUE O TRAVESTI FAZ AS MAIS SURPREENDENTES REVELAÇÕES. QUANDO PERGUNTAMOS SE JÁ MANDOU MATAR ALGUÉM, ELE DÁ UMA GARGALHADA.

OFF REPÓRTER - TU JÁ MATOU POR UMA BICHA?

SONORA SANDRA MARA - EU NÃO!

OFF REPÓRTER - AO FUNDO, UM AMIGO COMENTA

SONORA AMIGO - ELA NÃO NÉ, MAS TEM O MANDANTE!

OFF REPÓRTER - SANDRA IMPRESSIONA PELA FRIEZA E EXPLICA COMO PROTEGE OS TRAVESTIS QUE PAGAM PEDÁGIO.

SONORA SANDRA MARA - TU VAI TER QUE MATAR POR ELAS, SE FOR PRECISO. BOOM BOOM, LEVAR TIRO. DAR TIRO, ENTENDEU! VOLTAR PRA POLÍCIA, APANHAR DA POLÍCIA, PAGAR A POLÍCIA PRA SAIR DA DELEGACIA.

OFF REPÓRTER - SANDRA MARA, RESOLVE FALAR SOBRE A VIDA GLAMOUROSA QUE TEVE. ELA APONTA NA DIREÇÃO DA PAREDE. EM DESTAQUE UM RECORTE DE JORNAL EMOLDURADO REVELA QUE O TRAVESTI FICOU EM SEGUNDO LUGAR NO CONCURSO MISS UNIVERSO TRANSEX, REALIZADO NA ITÁLIA. FOI EM MILÃO, UMA DAS PRINCIPAIS CIDADES ITALIANAS QUE SANDRA MARA COMEÇOU NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO.

SONORA REPÓRTER - TU CHEGOU A SE INCOMODAR COM A POLÍCIA LÁ?

SONORA SANDRA MARA - AI, FILHO, EU FUI ELEITA RAINHA DA CADEIA!

OFF REPÓRTER - ELA DIZ ESTAR ENVOLVIDA EM UM ESQUEMA INTERNACIONAL DE PROSTITUIÇÃO. NA EUROPA, UM TRAVESTI BRASILEIRO PODE VALER ATÉ DEZ MIL DÓLARES.

SONORA SANDRA MARA - DEZ MIL DÓLARES, CINCO MIL DÓLARES...

SONORA REPORTAR - TU LEVAVA ELA PRA LÁ?

SONORA SANDRA MARA - LEVO ELAS AINDA.

OFF REPÓRTER - A PRÓXIMA A SER VENDIDA, É MÁRCIA QUE MORA COM SANDRA MARA.

SONORA REPÓRTER - QUANDO É QUE TU VAIS?

SONORA MÁRCIA - EM MARÇO.

SONORA REPÓRTER - VAI TRABALHAR ONDE LÁ?

SONORA MÁRCIA - MILÃO.

SONORA REPÓRTER - TEM ALGUÉM LÁ QUE VAI TE RECEBER?

SONORA MÁRCIA - TEM A TURMA DA SANDRA MARA.

SONORA TRAVESTI 3 - ELA AMEDRONTA, ATERRORIZA MUITAS. MUITAS TÊM MEDO DELA. MUITAS NÃO DENUNCIAM. MUITAS SE CALAM.

SONORA SANDRA MARA - É UMA MÁFIA ISSO. SE TU NÃO SABE, É UMA MÁFIA.

SEGUNDO PROGRAMA - PRISÃO DE SANDRA MARA

ÂNCORA 1 - PRESO O TRAVESTI ACUSADO DE COMANDAR UMA REDE DE PROSTITUIÇÃO EM PORTO ALEGRE. SANDRO MARCIO VASCONCELOS PORTO, CONHECIDO COMO SANDRA MARA ESTAVA FORAGIDO HÁ DUAS SEMANAS A JUSTIÇA DECRETOU A PRISÃO PREVENTIVA DEPOIS QUE O TELEDOMINGO DENUNCIOU O ESQUEMA NO DIA 3 DE FEVEREIRO.

OFF REPÓRTER - SANDRO EXIGIA 50 REAIS POR SEMANA DE CADA TRAVESTI QUE SE PROSTITUI NAS RUAS DA CAPITAL. QUEM NÃO PAGAVA ERA RETIRADO DA RUA E ESPANCADO. A POLÍCIA COMEÇA A INVESTIGAR AGORAS AS DENÚNCIAS DE QUE ELE PARTICIPAVA DE UM ESQUEMA ONDE TRAVESTIS ERAM LEVADOS PRO EXTERIOR POR DEZ MIL DÓLARES.

TERCEIRO PROGRAMA - PRISÃO DE MAXMILIANO (NAMORADO DE SANDRA MARA)

ÂNCORA 1 - A JUSTIÇA GAÚCHA CONDENOU HÁ 12 ANOS DE PRISÃO O AUTOR DE UM ASSASSINATO LIGADO A MÁFIA DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA EM PORTO ALEGRE. MAXMILIANO MATOU FLÁVIO JOSÉ CORRÊA NO DIA 7 DE NOVEMBRO DO ANO PASSADO, AQUI EM PORTO ALEGRE. A REPORTAGEM DA RBS TV QUE REVELOU O ESQUEMA FOI USADO COMO PROVA PELA

PROMOTORIA QUE PEDIU A CONDENAÇÃO POR HOMICÍDIO DUPLAMENTE QUALIFICADO.

OFF REPÓRTER - A DENÚNCIA FOI MOSTRADA PELO TELEDOMINGO EM FEVEREIRO DESTE ANO, NA REPORTAGEM TESTEMUNHAS DISSERAM QUE FLÁVIO FOI MORTO A MANDO DO TRAVESTI, SANDRO MÁRCIO VASCONCELOS PORTO. CONHECIDO COMO SANDRA MARA, ELE COMANDAVA A PROSTITUIÇÃO MASCULINA, COBRANDO CINQUENTA REAIS POR SEMANA DOS OUTROS TRAVESTIS. QUEM SE RECUSAVA A PAGAR ERA PUNIDO ATÉ COM A MORTE. A JUSTIÇA CONCLUIU QUE FLÁVIO FOI ASSASSINADO POR QUE A NAMORADA DELE, TAMBÉM TRAVESTI, TERIA SE RECUSADO A FAZER PARTE DO ESQUEMA. SANDRO MÁRCIO ESTÁ PRESO E DEVE SER JULGADO ATÉ O FINAL DO ANO.

ANEXO C - Precisamos falar sobre Romeo... (2015)



Educação sexual: precisamos falar sobre Romeo...

...Iana, Roberta e Emilson. A escola trata com preconceito quem desafia as normas de papéis masculinos e femininos. A seguir, uma discussão sobre sexo, sexualidade e gênero

Por: Wellington Soares



Romeo foi banido do contraturno por preferir vestidos às roupas masculinas. (Crédito: Newsteam/ SWNS Group/ Grosby Group)

← → ↻ Seguro | <https://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo>

nova escola MENU

NEWSLETTER QUEM SOMOS CONTATO ANUNCIE

🔍 Buscar

O pequeno Romeo Clarke, da foto acima, tem 5 anos e adora usar seus mais de 100 vestidos para as atividades do dia a dia. "Eles são fofos, bonitos e têm muito brilho", explicou ao tabloide britânico Daily Mirror. Clarke virou notícia em maio do ano passado. O projeto de contraturno que ele frequentava na cidade de Rugby, no Reino Unido, considerou as roupas impróprias. O menino ficou afastado até que decidisse – palavras da instituição – "se vestir de acordo com seu gênero".

O caso de Clarke não é único. Situações em que crianças e jovens que descumprem as regras socialmente aceitas sobre ser homem ou mulher – seja de forma intencional ou por não dominá-las – fazem parte da rotina escolar. Quando eclode o machismo, a homofobia ou o preconceito aos transgêneros, pais e professores agem rápido para pôr panos quentes e, sempre que possível, fazer de conta que nada ocorreu. "A escola, que deveria abraçar as diferenças, pode ser o ambiente mais opressivo que existe", defende Iana Mallmann, 18 anos, ativista contra a homofobia. "Muitos ainda abandonam as salas de aula por não se sentirem bem nesse espaço", completa Beto de Jesus, secretário para América Latina e Caribe da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas Trans e Intersex (Ilga, na sigla em inglês).

Paradoxalmente, quem tem ensinado a escola a agir no respeito à diversidade são os próprios estudantes. "Na contemporaneidade, multiplicaram-se os grupos, os sujeitos e os movimentos, as maneiras de se identificar com gêneros e de viver a sexualidade. Não há apenas uma forma de ser, mas tantas quantas são os seres humanos", afirma Guacira Lopes Louro, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e uma das principais referências na área de estudos de gênero. É o que mostram os corajosos depoimentos de [Iana](#), [Roberta](#) e [Emilson](#). Eles nos convidam a uma reflexão sobre nossas próprias ideias de masculino e feminino, hétero, homo ou bi, coisas de menino e coisas de menina. Precisamos falar sobre sexo, sexualidade e, sobretudo, gênero.



Três ideias, três conceitos

Vale desfazer a confusão entre esses conceitos. O sexo é definido biologicamente. Nascemos machos ou fêmeas, de acordo com a informação genética levada pelo espermatozoide ao óvulo. Já a sexualidade está relacionada às pessoas por quem nos sentimos atraídos. E o gênero está ligado a características atribuídas socialmente a cada sexo.

O que se sabe hoje em dia é que o dualismo heterossexual/homossexual não é capaz de abarcar as formas de desejo humanas. Os estudos sobre o tema dizem que a orientação sexual se distribui num amplo espectro entre esses dois polos. É provável que a definição sexual se dê pela interação entre fatores biológicos (predisposição genética, níveis hormonais) e ambientais (experiências ao longo da vida). Mas não há certezas. O guia Sexual Orientation, Homosexuality and Bissexuality, da Associação Americana de Psicologia, resume: "Não foram feitas, por enquanto, descobertas conclusivas sobre a determinação da sexualidade por qualquer fator em particular. O tempo de emergência, reconhecimento e expressão da orientação sexual varia entre os indivíduos".

É surpreendente notar como determinados comportamentos são mais aceitos em uma fase da história e reprimidos na seguinte. Os moradores da Grécia Antiga, por exemplo, se relacionavam com pessoas de ambos os sexos. Já na Idade Média, comportamentos que se desviassem da norma socialmente definida eram punidos com a fogueira. Hoje, não há mais chamas, mas o sofrimento assume a forma de piadas, humilhações, agressões físicas e psicológicas, exclusão. Por que ainda agimos assim? Como se construiu uma sociedade que se choca e entra em pânico ao ver um menino se vestindo de menina?

← → ↻ Seguro | <https://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo>

nova escola  MENU  **Buscar** NEWSLETTER QUEM SOMOS CONTATO ANUNCIE

A resposta está no conceito de gênero. Ele diz respeito ao que se atribui como características típicas dos sexos masculino e feminino. Meninas precisam sentar-se de pernas fechadas, meninos podem abri-las. Meninos não podem chorar, meninas são mais sensíveis. Meninos gostam de azul, meninas preferem o rosa. Enfim, uma série de aspectos que, com o tempo, ganham força e se convertem em regras. Por quê?

Porque cada um de nós interioriza as estruturas do universo social e transforma-as em jeitos de ver o mundo que orientam nossas condutas. Diversas instâncias atuam para que essas normas sejam transmitidas dos mais velhos aos mais jovens: a família, os grupos de amigos, as religiões – e, claro, as escolas. No caso do gênero, a associação com elementos preexistentes, como tradições culturais, preceitos religiosos e costumes familiares, vai definindo quais elementos pertencem ao universo masculino ou ao feminino. Por exemplo: ao provar do fruto proibido e convencer Adão a também comê-lo, Eva teria mostrado o lado irracional e sentimental da mulher. Por isso, sedimentou-se a ideia de que ela deveria estar submissa ao homem – naturalmente, um ser racional e cerebral, como explica a pesquisadora Clarisse Ismério no artigo *Construções e Representações do Universo Feminino (1920-1945)*. Mais exemplos: a associação de carros e motos como "coisa de macho" foi herdada da ideia vigente até o início do século 20 de que o espaço público deveria ser ocupado pelos homens, enquanto as mulheres deveriam se dedicar à vida doméstica, como faziam suas mães. Já a atribuição das cores rosa e azul, respectivamente, a meninas e meninos... Bem, essa aí parece não ter justificativa. Nenhuma surpresa: a investigação sócio-histórica revela que na gênese de muitos hábitos, costumes e regras impera a mais pura arbitrariedade.

Tudo isso se complica em razão de outra característica da mentalidade moderna: a tendência de pensar por oposições. Segundo o filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004), a lógica ocidental opera por meio de binarismos: feio/belo, puro/impuro, espírito/corpo etc. "Um termo é sempre considerado superior, e o oposto seu subordinado", explica Guacira. Assim, o homem heterossexual

← → ↻ Seguro | <https://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo>

nova escola MENU

NEWSLETTER QUEM SOMOS CONTATO ANUNCIE

🔍 Buscar

conquistou o lugar de maior prestígio na sociedade. Um degrau abaixo, a mulher. E na penumbra, os que não se encaixam no esquema binário: gays, lésbicas, bissexuais, travestis...

Até meados do século 20, esse discurso circulou quase sem contestações. A partir dos anos 1950, movimentos feministas, guiados pelos estudos da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), engrossados na década seguinte pelos hippies e outros levantes da contracultura, começaram a colocar em xeque os papéis atribuídos às mulheres na sociedade, no trabalho e na família. Seguiram-se a eles as lutas pelos direitos de homens gays, lésbicas, travestis, transexuais e assim por diante entre 1970 e os anos 2000. Atualmente, correntes contestatórias ampliam as possibilidades identitárias, defendendo que há muitos jeitos de ser homem e mulher.

Você deve estar se perguntando onde a escola entra nessa discussão. Para que ela respeite a diversidade, as formações de professores precisam abordar o assunto. É o melhor caminho para disseminar o que as pesquisas já descobriram sobre a construção dos gêneros e sua relação com o sexo e a sexualidade. Mas as iniciativas sofrem forte resistência. O caso mais notório aconteceu em 2011. Como parte do programa Brasil sem Homofobia, especialistas produziram para o governo federal cadernos com conteúdo pedagógico que colocavam o tema em discussão.

A intenção era que o material fosse distribuído a escolas de todo o país. Antes da impressão, entretanto, congressistas ligados a entidades religiosas se opuseram ao projeto. Apelidado de "kit gay", o conteúdo foi acusado de estimular "a promiscuidade e o homossexualismo" - termo em desuso por remeter a doença (hoje, fala-se em homossexualidade). A União cedeu às pressões e vetou a circulação dos cadernos. Oficialmente, não há perspectivas para que esse material saia do armário. Mas, agora, ele está disponível [aqui no site NOVA ESCOLA](#). Leia e tire suas conclusões.



Por enquanto, episódios como o do menino Romeo seguem envoltos pela vergonha. Mesmo em casos de crianças muito pequenas, em que não há relação entre o comportamento da criança e sua sexualidade (meninos mais sensíveis ou meninas que preferam o futebol às bonecas), o expediente-padrão é convocar os pais para uma conversa sobre o suposto problema e encontrar maneiras de "corrigi-lo". "Muitas vezes, essas crianças e jovens apanham dos pais, são proibidos de voltar às aulas ou mesmo fogem", relata Constantina Xavier, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É papel da escola agir com profissionalismo. O que, nesse caso, significa tratar o tema com naturalidade e não reportá-lo aos pais. Um menino quer se vestir de princesa. Se há algum problema, é com os olhos de quem vê. Como ensina Georgina Clarke, a mãe do pequeno Romeo: "Não me importo. Faz parte de quem ele é. Se usar os vestidos faz com que ele seja feliz, então está tudo bem para mim".



Iana Mallmann, 18 anos, ex-aluna das redes pública e privada de Brasília. (Crédito: Alexandre A. Bastos)



A escola conivente com a homofobia

"Nunca tive uma postura feminina, nunca gostei de usar vestido, assessorios no cabelo. Por causa dos meus trejeitos, da maneira como eu me vestia, fui alvo de comentários na escola particular em que estudava. Muitos colegas apontavam para mim, riam, me chamavam de menina-macho. Na aula de Educação Física, eu não queria usar short-saia e, por isso, minha mãe foi chamada até a escola várias vezes. Fui repreendida por não me sentar com as pernas cruzadas ou os joelhos encostados, como uma menina deveria.

Comecei a entender o que estava acontecendo comigo durante os anos finais do Ensino Fundamental, quando me apaixonei por uma colega. Entrei em depressão e tentei me matar três vezes. Decidi contar para a minha mãe. Ela me apoiou muito e aí nada mais me importava. Cortei meu cabelo, joguei fora as roupas de menina que eu não gostava, me libertei. Passei a falar abertamente sobre a minha sexualidade, mesmo dentro da escola. Nesse momento, fui abordada várias vezes por professores e pela coordenação.

Eles diziam coisas como 'tudo bem você ser homossexual, mas não fale disso na escola'.

Descobri depois que havia outros jovens homossexuais na escola, mas eles tinham de ficar calados. No fim das contas, mudei para uma escola pública em que a sexualidade não era um problema. Havia vários projetos para discutir o assunto, inclusive uma semana de combate à homofobia, para questionar a postura dos alunos e da sociedade com o assunto."

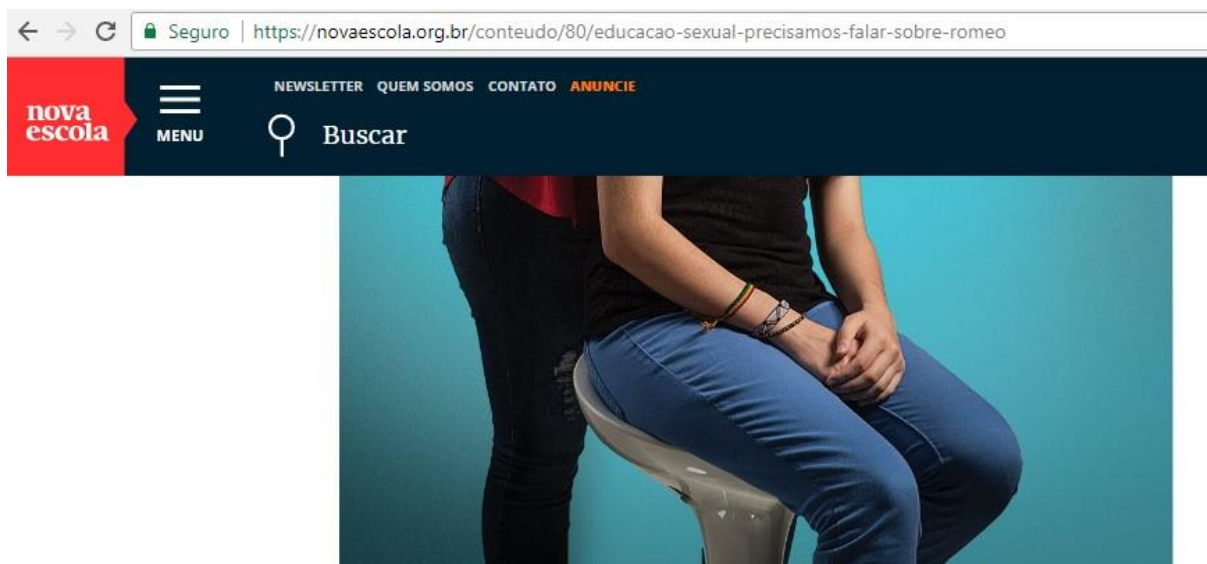
COMO A ESCOLA PODERIA AGIR

A instituição deve ser um ambiente em que todos os alunos se sintam acolhidos. Para que isso aconteça, é importante que a sexualidade seja discutida constantemente, mostrando que não há uma única maneira possível de explorá-la. Também é preciso apoiar alunos que busquem os educadores para discutir sua



la. Também é preciso apoiar alunos que busquem os educadores para discutir sua sexualidade. Nas regras de convivência e nas ações concretas de gestores e professores, deve estar claro que situações de homofobia e piadinhas não são toleráveis.





Roberta Lomonaco Macchia, 13 anos, aluna da rede particular em São Paulo Roberta (sentada), contou com o apoio da irmã Nathalya e venceu a culpa por ser atacada. (Crédito: Raoni Maddalena)

O machismo que culpa a vítima

"Eu estava voltando de um passeio promovido pela escola. Tinha andado o dia inteiro e resolvi tirar a blusa de moletom. Quatro meninos me encurralaram em um canto do ônibus e tentaram tocar meus seios. O professor me viu chorando e, indignado, ligou para o orientador pedagógico.

Minha mãe foi à escola diversas vezes cobrar providências. O orientador conversava com ela e depois me chamava sozinha à sala dele para falar o oposto. Tive de ouvir frases como: 'Você precisa encarar isso como uma brincadeira?', 'Talvez você tenha provocado?' e 'É normal que isso aconteça com meninos dessa

← → ↻ Seguro | <https://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo>

nova escola MENU

NEWSLETTER QUEM SOMOS CONTATO ANUNCIE

🔍 Buscar

idade?. Era como se eu – e não os meninos que tentaram me tocar – tivesse feito algo errado. Numa reunião com minha mãe, o coordenador chegou a dizer que para me mudar de sala teria de inventar uma história, porque esse procedimento só era tomado quando algo grave acontecia. Como se o que eu passei não fosse um tipo de violência.

Me senti culpada. Só consegui superar esse sentimento porque tive o apoio da minha família, de alguns amigos e da minha irmã mais velha, Nathalya. Engajada em discussões sobre o feminismo, ela me ajudou a ver que situações parecidas com a minha acontecem todos os dias com muitas e muitas mulheres e a reação é sempre a mesma: a vítima é responsabilizada."

COMO A ESCOLA PODERIA AGIR


É preciso deixar de naturalizar esse tipo de episódio. Meninos precisam respeitar o corpo da mulher. Cantadas desrespeitosas e situações de assédio podem ser comuns, mas não são aceitáveis. Não se deve, ainda, usar critérios diferentes para o comportamento de meninos e meninas, como se apenas garotos demonstrassem interesse sexual e indisciplina. Outro tema da pauta é a responsabilização da vítima. Em casos como o de Roberta, é comum que se escutem questões como: "Você não provocou?" e "Como você estava vestida?". Atitudes e roupas, quaisquer que sejam, não justificam ataques. Assédio e atos violentos são sempre culpa do agressor.



Nathália, Matheus e Daian protestaram pelo direito de Emilson (blusa bege) usar saia. (Crédito: Lucas Landau)

Todos de saia contra os rótulos

← → ↻ Seguro | <https://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo>

nova escola  MENU  **Buscar**

NEWSLETTER QUEM SOMOS CONTATO ANUNCIE

"Não acredito nas divisões entre o masculino e o feminino e, por isso, me considero agênero. Um dia, uma amiga deixou comigo uma saia do uniforme. Decidi ir à escola com ela. Ouvi uma piadinha ou outra, mas meus colegas de classe não se importaram. Na última aula, fui chamado à sala da gestão, onde estavam o coordenador pedagógico e a diretora adjunta. Ela começou dizendo que tinha contato com as discussões de gênero desde a faculdade. Também argumentou que, na Escócia, era normal que homens usassem saia, mas aqui no Brasil não. No fim das contas, eles queriam que eu tirasse a saia.

Não fui obrigado, mas a presença dos dois me fez pensar: ou eu tiro ou pode haver consequências ruins para mim. Na instituição em que estudo, uma escola pública tradicional do Rio de Janeiro, as organizações estudantis são muito fortes. Além do grêmio, também há uma frente liderada pelos alunos para fazer com que todos se sintam aceitos como são. Nós sempre realizamos atividades, palestras e atos para discutir temas ligados ao gênero e à sexualidade. Como protesto ao que tinha acontecido, promovemos um *saia day* duas semanas depois. Mais de 30 alunos, homens e mulheres, foram de saia à escola no dia marcado. O caso repercutiu e saiu em diversos jornais. Infelizmente, a gestão da escola decidiu não tocar no assunto. Apesar de uma nota divulgada a um jornal, não houve nenhum tipo de discussão organizada pela escola."

COMO A ESCOLA PODERIA AGIR

Questionar desde a Educação Infantil as normas e os padrões associados a cada um dos gêneros é um passo inicial. A definição do que é roupa de menina e o que é roupa de menino também é feita por convenções que variam de acordo com a cultura e o local. Assim, não há porque proibir que um menino vista saia, se ela fizer parte do uniforme definido pela instituição. Se o uso causar comoção na escola, a situação pode ser utilizada para debater como se construíram as regras que diferenciam homens e mulheres.

ANEXO D - O Mapa da Homofobia em São Paulo (2017)



Publicado em 13/06/2017



Em dez anos, 465 vítimas – uma a cada semana, em média – procuraram ou foram encaminhadas à Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) para registrar uma queixa de crime motivado por homofobia em São Paulo. Dados exclusivos obtidos pelo G1 por meio da Lei de Acesso à Informação mostram a radiografia dessas denúncias.

INTRODUÇÃO

São 393 boletins de ocorrência registrados – feitos durante os dez anos de existência da Decradi, que, em sua essência, investiga crimes sem autoria conhecida.

A delegacia especializada, criada em 2006, foi idealizada anos depois de o adestrador de cães Edson Neris da Silva ser assassinado por um grupo de skinheads na Praça da República, no Centro da capital, por ser homossexual.

Nesses dez anos, foram investigados casos emblemáticos, como o do atentado a bomba na Parada Gay que deixou mais de dez feridos em 2009. Neste domingo (18), a Avenida Paulista será palco da 21ª edição da Parada do Orgulho LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis).

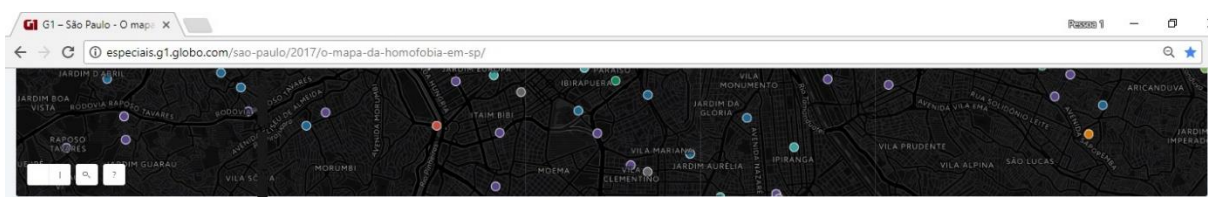
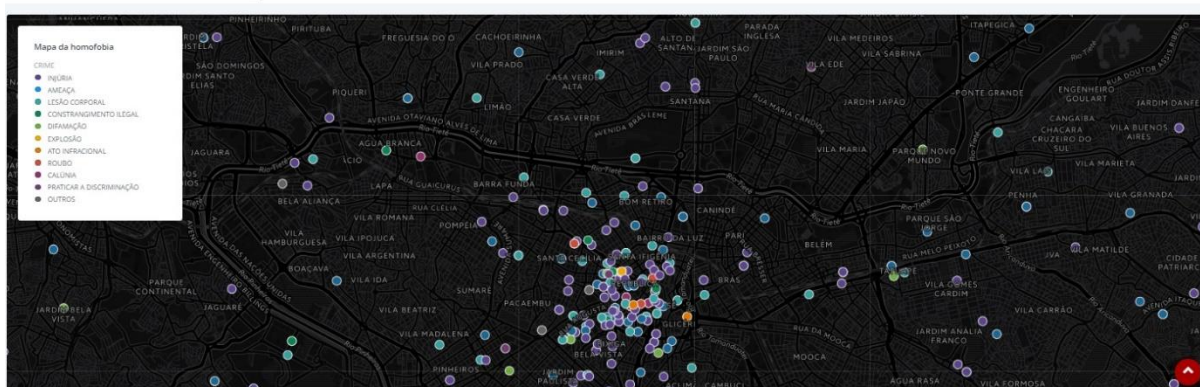




O MAPA

O mapeamento feito pela equipe de reportagem mostra todos os casos registrados na Decradi motivados por homofobia.

No mapa, é possível ver detalhes de cada vítima e o respectivo boletim registrado, com o ano, a localidade, a natureza da ocorrência, o sexo e a idade. O levantamento inédito permite identificar onde ocorrem os casos de homofobia na Grande São Paulo.



Para mapeá-los, o G1 teve de fazer um trabalho em parceria com a delegacia que durou mais de quatro meses. Isso porque foram fornecidos pela Secretaria da Segurança Pública à equipe, após o pedido via Lei de Acesso, todos os boletins de ocorrência da Decradi (quase mil), sem diferenciar qual tinha a homofobia como motivação. Foi feito, então, um trabalho minucioso para chegar a cada caso envolvendo o público LGBT na década.

Do total de boletins de ocorrência feitos de 2006 a 2016, 219 viraram inquérito na delegacia especializada – 55% do total. Não há, no entanto, casos de homicídio mapeados, já que a motivação desse tipo de crime só é conhecida durante a investigação.

Um outro agravante (também para as estatísticas) é que a homofobia ainda não é crime no Brasil. Ou seja, as denúncias são enquadradas de acordo com a tipificação do crime correlato. São casos e mais casos de injúria, ameaça, lesão corporal, constrangimento ilegal, entre outros.

Entre as vítimas, há desde um adolescente de 17 anos até um homem de 77 anos. Os principais casos estão circunscritos à região central, onde estão as ruas Augusta e da Consolação e a República e o Largo do Arouche, locais bastante frequentados pelo público LGBT.

PERFIL

♂
homens

346

♀
mulheres

114

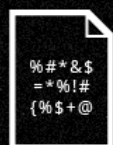
○
indefinidos
ou ignorados

5



25 %

dos casos
acontecem das
20h às 23h



365

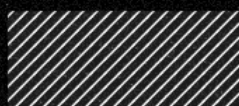
registros
de **injúria**



32 ANOS

é a idade média
dos **agredidos**

LOCAIS DAS AGRESSÕES



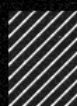
166

Residência/
condomínio residencial



91

Via pública



50

Comércio/
centro comercial



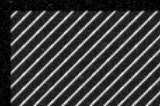
27

Estabelecimento
de ensino



20

Terminal/
estação



111

Outros



DECRADI, 10 ANOS

Em dez anos, o perfil dos agressores mudou. Antes eram vizinhos, colegas de trabalho e até parentes. Agora são anônimos que atacam principalmente pela internet, dizem os responsáveis pela Decradi.

O que não se altera, ao longo do tempo, é o teor das ofensas à população LGBT. Os boletins de ocorrência aos quais o **G1** teve acesso revelam casos de agressões gratuitas, de xingamentos e provocações sem sentido em locais públicos, de humilhações dentro de casa e no meio da rua. A equipe de reportagem coletou algumas das frases ditas pelos agressores com o contexto em que elas foram pronunciadas.



"A Decradi é a delegacia especializada para coibir e apurar todos os delitos relacionados à intolerância e os delitos de preconceito. Toda forma de preconceito é coibida, apurada e penalizada", diz a delegada Kelly Andrade, da Divisão de Proteção à Pessoa do Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP).

De 20 a 30 policiais atuam na delegacia especializada. "O número exato é flutuante", despista Kelly, que aponta quais têm sido os maiores desafios nesses últimos anos: "Eles são diários e eternos. Nos dez anos, eu acho que o maior é estar sempre à frente da tecnologia. Porque hoje a maioria desses crimes é praticada por meios eletrônicos".

Quando o assunto é o combate à intolerância LGBT, algumas vítimas fazem questão que as motivações levem em conta suas identidades sexuais.




G1 - São Paulo - O mapa X

especiais.g1.globo.com/sao-paulo/2017/o-mapa-da-homofobia-em-sp/

Em São Paulo, no entanto, apenas em novembro de 2015 os boletins de ocorrência passaram a contar com um campo para o nome social da vítima e para a motivação.

Um dos casos mais emblemáticos de crime motivado pela orientação sexual ocorreu bem antes disso: em 14 de junho de 2009, no fim do desfile da Parada Gay, uma bomba explodiu e feriu 13 participantes, todos homossexuais.

O ataque foi feito por um grupo neonazista chamado Impacto Hooligan. A delegacia especializada identificou e prendeu sete suspeitos pelo atentado. Dois deles chegaram a ser condenados em 2010 por formação de quadrilha, mas em 2015 o caso foi arquivado com a liberação dos presos.




Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, icons for various applications, system clock: POR 14:02, 08/11/2017

G1 - São Paulo - O mapa X

especiais.g1.globo.com/sao-paulo/2017/o-mapa-da-homofobia-em-sp/

Na Decradi desde sua criação, Nelson Collino Júnior chefa a equipe de investigadores e lembra de um outro caso que ficou marcado: o de um professor de filosofia agredido por ser homossexual. "Ele foi brutalmente espancado na região da Consolação. Foi bastante pesado, uma coisa muito grave. Ele perdeu vários dentes da boca." Segundo ele, os agressores foram identificados, presos e julgados. "Através de uma testemunha nós conseguimos fazer o levantamento do grupo, o famoso Devastação Punk."

Na opinião da delegada Daniela Branco, titular da Decradi, a atual situação do país tem contribuído para evidenciar ainda mais os casos de homofobia. "Com esse cenário político-social, com movimentos de extrema direita, estou tendo a percepção de que casos contra LGBT, racismo e intolerância religiosa estão mais evidentes", diz.



Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, icons for various applications, system clock: POR 14:02, 08/11/2017



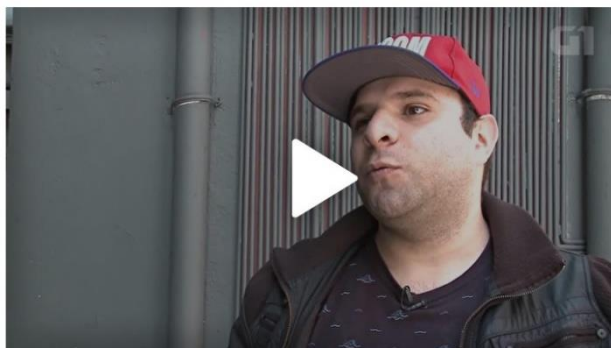
Para Agripino Magalhães, ativista e integrante da ONG Aliança LGBTI, faltam mais delegacias especializadas. "Nós só temos uma Decradi. É uma delegacia maravilhosa para combater a intolerância e o racismo, mas ela não é divulgada e expandida. Um LGBT foi agredido no Terminal Bandeira esses dias, foi até a delegacia mais próxima e o delegado falou que não podia atendê-lo. Ele não soube onde ir depois. A divulgação da Decradi devia ser feita pelos órgãos públicos, com cartazes no Metrô e em locais frequentados pelo público LGBT. Isso pode ajudar a diminuir a ação e os ataques de grupos homofóbicos."

"O meu maior sonho é que em cada cidade do interior de São Paulo possa ter uma Decradi", afirma Magalhães, que considera que a polícia em geral não está preparada para fazer o atendimento ao público LGBT. "Eles não respeitam o nome social, chamam pelo nome de registro da época de criança. Tanto as polícias Militar e Civil como a GCM e os vigilantes não têm preparo para abordar a população LGBT. Eles precisam ser orientados a chamar 'a' travesti e não 'o' travesti, e respeitar a orientação sexual do transgênero ou do gay."

EXPLOSÃO DE INTOLERÂNCIA



As marcas na pele e na mente ainda expõem cicatrizes e traumas das vítimas da explosão na 13ª Parada do Orgulho LGBT de 2009. O G1 entrevistou 2 das 13 pessoas atingidas pela bomba: uma aceitou se identificar, a outra pediu para não ser mostrada.



O artefato explosivo foi jogado na esquina da Avenida Vieira de Carvalho com a Rua Vitória. "Estava no final do dia, com amigos, dando risada, alguns bebendo, outros jogando assunto fora. De repente apagou tudo. Depois do apagão, tudo ficou claro, a gente voltou a enxergar devagarzinho, com um zumbido no ouvido, que ficou por um bom tempo. Eu senti tontura. Foi difícil entender o que estava acontecendo, a gente se encontrou e chegou à conclusão de que tinham jogado uma bomba na gente. Foi complicado entender", conta um dos feridos.





O assessor de vendas Felipe Pereira de Freitas, de 25 anos, foi outro que se feriu. Ele tinha apenas 17 anos na época. Felipe acompanhou depois o julgamento dos acusados e lamenta por eles estarem soltos. "Eu acho que a lei, hoje em dia, é muito branda em relação a isso. Ela é muito falha. Acho que podiam ser feitas leis mais rigorosas, mais firmes em relação a esse tipo de ocorrência até mesmo para que esses atos não voltem a acontecer."

A pedido do **G1**, Felipe voltou ao Largo do Arouche, onde a bomba foi deixada. E lembrou como perdeu os sentidos e depois viu o próprio sangue manchar a calça jeans que havia escolhido para paquerar e se divertir. "A explosão da bomba deixou marcas até hoje. Eu tenho marcas dos fragmentos que entraram... Cano de PVC, vidros, e pregos", afirma. Apesar do susto, ele retornou à Parada Gay, em 2012. "Eu fiquei preocupado, mas acabei superando essa situação. E voltei até mesmo para encorajar as pessoas a não pararem de ir."



Um dos feridos diz que jamais voltou à Parada Gay (Glauco Araújo)

O outro ferido, no entanto, ainda sente insegurança. E jamais voltou a frequentar a Parada. "É uma coisa cruel. Eu não sei se onde eu vou eu estou seguro, o que eu posso fazer, com quem eu posso andar. É complicado explicar. Não quero me identificar pela insegurança de não poder me colocar em público falando sobre isso."

Felipe acredita, porém, que já é possível notar uma mudança sensível na população. "Acho que a sociedade, hoje em dia, é mais tolerante", afirma. "Mas claro que há fatos isolados. Eu já vi casos em metrô, de grupos neonazistas que atacam pessoas. E isso é inaceitável na sociedade que nós vivemos hoje em dia. É muito sem noção você ter algum tipo de preconceito por raça, por cor, por religião, por opção sexual."

PRECONCEITO E AGRESSÃO





Como a Decradi se encarrega de investigar principalmente casos de autoria desconhecida, vários outros são registrados em delegacias espalhadas pela capital.

Um deles ganhou repercussão: o da professora de filosofia Luíza Coppieters. Em 2015, ela foi demitida de um tradicional colégio particular da Grande São Paulo, sofreu ação de despejo, passou fome, precisou vender seus livros e teve dificuldades até para sair de casa após se revelar para a sociedade como uma mulher transexual lésbica.

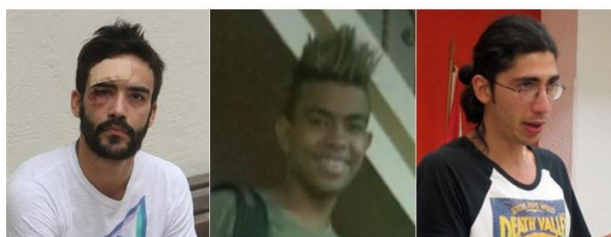
Em entrevista ao **G1**, ela fala dos efeitos do preconceito implícito durante sua infância e adolescência e os medos que precisou vencer para ser feliz. Sobre o passado, resume: "Eu entendo, hoje, como uma violência a ponto de eu ser obrigada a ter uma forma de vida que negasse a todo instante essa possibilidade de existência. Era sempre uma tensão, é o medo que a sociedade criou em mim."



Os dias atuais ela define de forma diferente: "Saí de uma condição de homem hetero para uma mulher lésbica. Depois de 30 anos de sofrimento eu estou podendo existir. Quando eu contei, as pessoas diziam: 'Nossa, você era o exemplo de macho alfa'. Na sociedade, ver uma mulher transexual é desprezo, estigmatização", afirma.

A revelação de Luíza fez a relação com o pai estremecer e trilhar para um final tortuoso, porém, feliz. "Meu pai ficou muito afetado, chocado e silenciou. Hoje, me trata como filha." Em relação à mãe, tem orgulho e respeito pelo exemplo de mulher forte. "Minha mãe faleceu recentemente. Para ela foi mais difícil porque ela vinha de uma luta contra o câncer, mas ela se despediu de mim. Foi bonito."

O **G1** fez um levantamento de outros casos de homofobia vividos pela população LGBT em São Paulo. São inúmeras as reportagens ao longo dos anos – a maioria delas envolvendo agressões.





Da esq. para a dir., André Baliera, Kaique Augusto e Guilherme Rodrigues, vítimas da homofobia

Vários dos casos ficaram marcados, como [o ataque de 2010](#), quando quatro adolescentes e um adulto foram flagrados e levados para a delegacia depois de agredirem com lâmpadas fluorescentes um rapaz, que estava com dois amigos homossexuais, na Avenida Paulista.

Em 2011, [o ativista do movimento LGBTQT e militante político Guilherme Rodrigues foi agredido](#) por quatro rapazes em um posto de combustível na esquina da Augusta com a Rua Peixoto Gomide. Dois dos agressores eram de um grupo de skinheads, conhecido pela intolerância. No mesmo ano, [o vendedor Diego Pontes Correia de Andrade foi agredido e alvo de preconceito](#), em razão de ser homossexual, por parte de seguranças da boate The Week, na Lapa, Zona Oeste. O gerente da casa noturna nega o crime.

Em 2012, [o universitário homossexual André Baliera foi agredido](#) em Pinheiros. E em 2014, o corpo de Kaique Augusto dos Santos, de 17 anos, foi encontrado sob o Viaduto Nove de Julho, no Centro. A vítima estava sem todos os dentes. [A família afirma que ele foi vítima de homofobia](#). Diversos outros casos de homofobia viraram notícia. No vídeo abaixo, é possível ver uma cronologia desses episódios.



SERVIÇO

O G1 lista abaixo locais para denúncias e apoio jurídico, centros de acolhida e atendimento e telefones úteis.



Vítimas de homofobia têm diversos canais para denúncia e centros de apoio na cidade (Flippo Monteforte/AFIP)

Polícia/Justiça

Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi)
Rua Brigadeiro Tobias, 527, 3º andar - Centro
Telefone: 3311-3555 / e-mail: decradi@policiacivil.sp.gov.br

Núcleo da Defesa da Diversidade e Igualdade Racial da Defensoria Pública do Estado
Rua Boa Vista, 103 - 1º andar - Centro
Telefone: 3101-0155 / e-mail: nucleo.discriminacao@defensoria.sp.def.br

Comissão da Diversidade Sexual da OAB-SP
Rua Afonso Celso, 1.200 - Vila Mariana
Telefone: 5594-6125 / e-mail: diversidade.sexual@oabsp.org.br

Disque 100

Serviço de utilidade pública da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, vinculado à Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, recebe denúncias de violações de direitos humanos, em especial as que atingem populações em vulnerabilidade como a LGBT

Prefeitura

O centros de cidadania municipais funcionam de segunda a sexta, das 9h às 18h, e prestam atendimento a vítimas de violência, preconceito e discriminação, dando apoio jurídico, psicológico e de serviço social. São realizados também debates, palestras e seminários

Centro de Cidadania LGBT Arouche
Rua do Arouche, 23, 4º andar - República
Telefone: 3106-8780 / e-mail: centrodecidadanialgbt@prefeitura.sp.gov.br

Centro de Cidadania LGBT Sul
Rua São Benedito, 408 - Santo Amaro
Telefone: 5523-0413 / e-mail: centrolgbtsul@prefeitura.sp.gov.br

Centro de Cidadania LGBT Laura Vermont
Avenida Nordestina, 496 - São Miguel Paulista
Telefone: 2031-1784 / e-mail: centrolgbtleste@prefeitura.sp.gov.br

Centro de Cidadania LGBT Luana Barbosa dos Reis
Rua Plínio Pasqui, 186 - Parada Inglesa
Telefone: 2924-5225 / e-mail: centrolgbtnorte@prefeitura.sp.gov.br

Governo

Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais
Rua Santa Cruz, 81 - Vila Mariana
Telefone: 5087-9984 (agendamentos de consultas das 8h às 11h)





Homofobia mata (Nelson Antoline/Fotoarena/Estadão Conteúdo)



CRÉDITOS:

Produção e reportagem: Glauro Araújo, Kleber Tomaz e Thiago Reis

Edição: Thiago Reis (Conteúdo), Marcelo Brandt (Foto), Rodrigo Cunha (Infografia) e Fabiola Glenia (Video)

Design: Alexandre Mauro e Igor Estrella

Vídeo: Alexandre Nascimento, Beatriz Souza, Mariana Mendicelli, Sávio Ladeira e Wagner Santos

Desenvolvimento: Rogério Banquierei

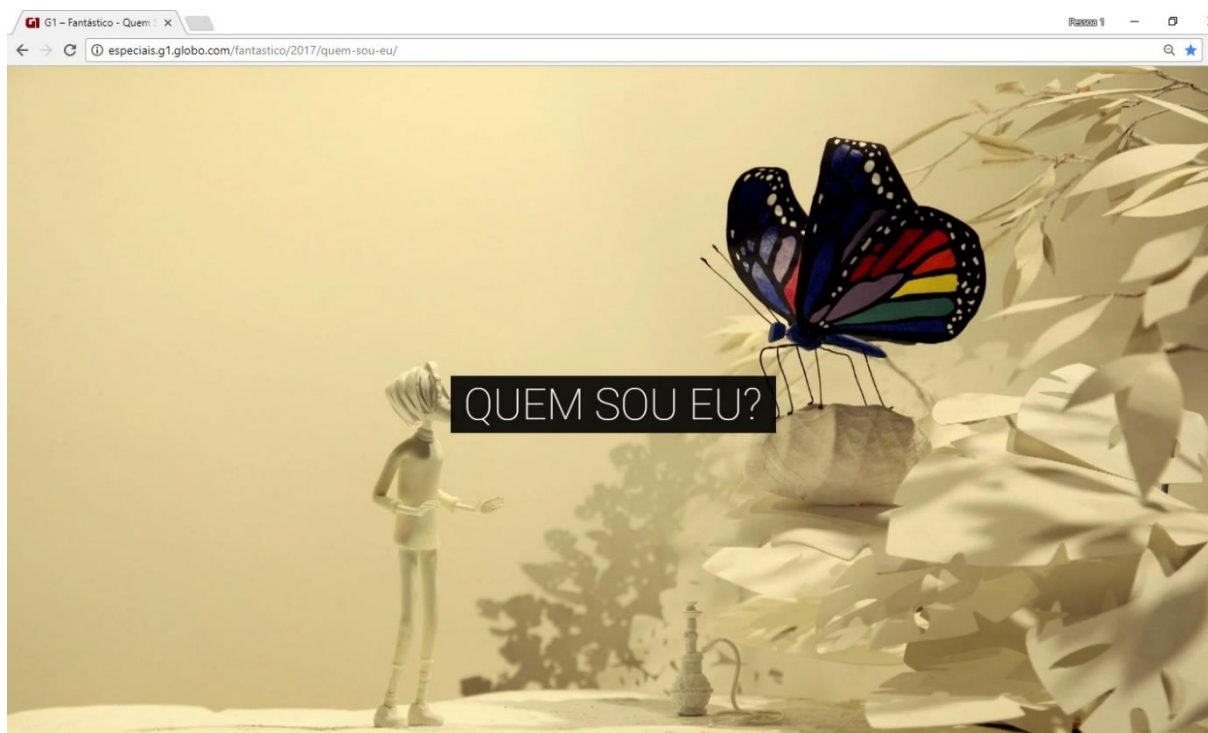
[Comente este infográfico](#)

[globo.com](#) [g1](#) [globoesporte](#) [gshow](#) [famosos & etc](#) [vídeos](#)

[Todos os sites](#)

© Copyright 2009-2017 Globo Comunicação e Participações S.A. [princípios editoriais](#) [política de privacidade](#) [central.globo.com](#) [assinhe a globo.com](#) [anuncie conosco](#)

ANEXO E - Quem Sou Eu? (2017)



Publicado em 12/03/2017, Atualizado em 02/04/2017

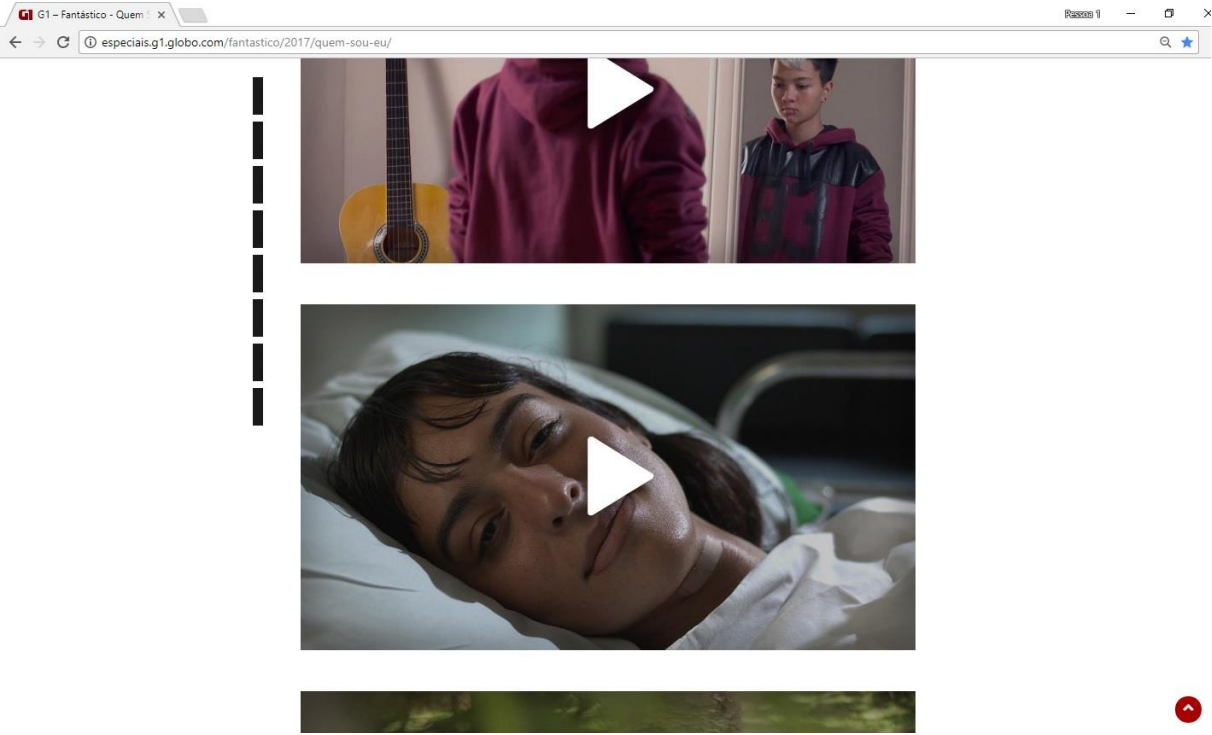
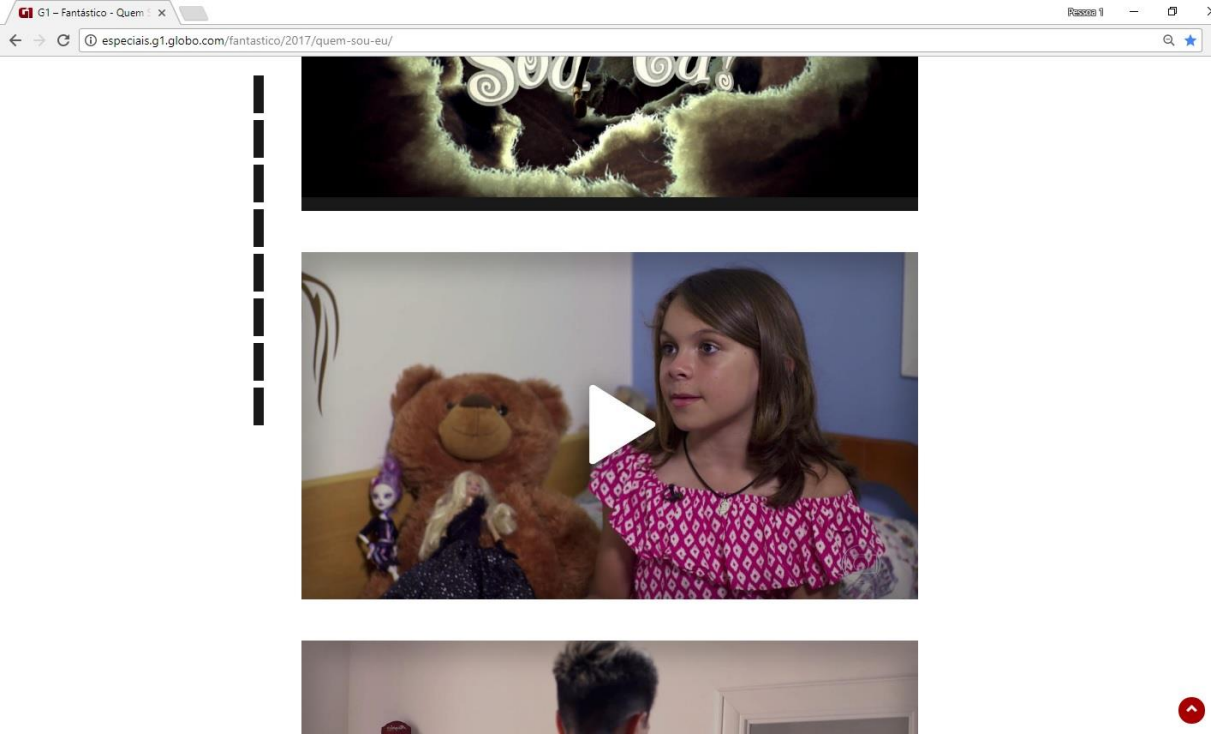


O Fantástico mostra, em quatro episódios, os momentos da vida de indivíduos transgêneros.

A SÉRIE

A série especial Quem Sou Eu?, comandada por Renata Ceribelli, conta as histórias de transgêneros em fases distintas, ressaltando a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. O que a ciência já consegue explicar? Para ajudar a esclarecer o assunto, a série traça um paralelo com a história de 'Alice no País das Maravilhas', de Lewis Carroll. Mas a Alice de Quem Sou Eu? parte em uma jornada de autoconhecimento e representa todas as pessoas que sentem que nasceram no corpo errado e estão em busca de sua identidade. Veja os episódios completos abaixo.







GLOSSÁRIO



- **TRANSGÊNERO** - Termo para descrever a pessoa em que a identidade de gênero não está de acordo com o sexo biológico de seu nascimento.
- **CISGÊNERO** - termo para descrever a pessoa em que a identidade de gênero está de acordo com o sexo biológico de seu nascimento.
- **INTERSEXO** - a categoria descreve uma pessoa com desenvolvimento sexual desordenado com configurações reprodutivas, genéticas, genitais ou hormonais que resultam num corpo que não pode ser categorizado como homem ou mulher.
- **ORIENTAÇÃO SEXUAL** - o sentimento de atração sexual de uma pessoa em relação à outra. Uma pessoa pode sentir-se atraída por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, por ambos os sexos.
- **BLOQUEIO HORMONAL** - processo médico que paralisa as transformações hormonais que desenvolvem a puberdade em adolescentes. O resultado é um atraso proposital do desenvolvimento das características sexuais como o crescimento das mamas, pelos faciais, mudança de voz.
- **GENDERQUEER** - alguém cuja identidade de gênero não é nem de homem nem de mulher, está entre ou além dos dois, ou é alguma combinação de gêneros.
- **AGÊNERO** - pessoa que não se identifica com uma identidade que pode ser categorizada como homem ou mulher ou que assume não ter identidade de gênero.



A PARTICULARIDADE DE HELENA

Helena Maria de Souza tem 23 anos, estuda medicina e faz tratamento hormonal há um ano. Na conversa com a repórter Renata Ceribell, ela conta como foi a sua transição e quais as diferenças e particularidades de uma mulher trans.





A PRIMEIRA OPERAÇÃO PELO SUS

Bianca Magro foi a primeira transexual brasileira a se submeter a cirurgia de mudança de sexo feita pelo SUS em 1998. Conheça a história dela.



CHÁ DA ALICE

O Fantástico criou uma nova versão para chá da Alice com o Chapeleiro Maluco. No lugar da curiosa e questionadora personagem do livro "Alice no País das Maravilhas", estava Andrea, uma garota trans que está começando um tratamento hormonal. Ela apareceu para esse chá cheia de dúvidas e para ajudá-la a repórter Renata Ceribelli convidou quatro especialistas: a endocrinologista Karen Seidel, o urologista Eloisio Alexandro, a psicóloga Clarice Cezar Cabral e a psiquiatra Luisa Duarte Novo.



ANDRÉ SCHILIRÓ FOTOGRAFA PERSONAGENS DA SÉRIE

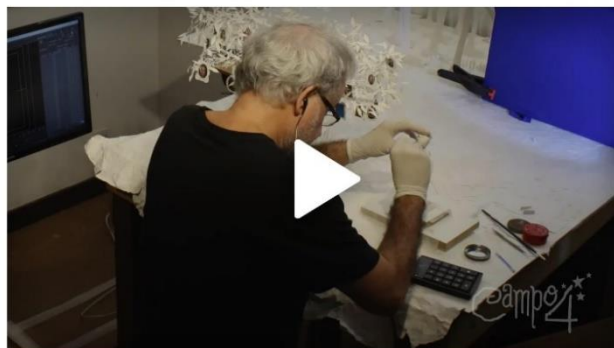
O fotógrafo André Schiliró fotografou quatro transgêneros da série Quem Sou Eu? Veja no vídeo o making of da sessão de fotos.





BASTIDORES DA ALICE

Alice da série ganhou vida através do estúdio de animação Campo 4, com a técnica de stop motion. Veja algumas cenas de como foram feitas as animações.



PROCESSO TRANSEXUALIZADOR PELO SUS

O Ministério da Saúde informa que o Sistema Único de Saúde (SUS) assegura, desde 2008, a partir de serviços habilitados, a cobertura integral e gratuita de saúde às pessoas que desejam fazer a redesignação sexual (mudança de sexo, tanto de homem para mulher quanto de mulher para homem). Para isso, são ofertados os procedimentos: cirurgias de redesignação sexual, de mastectomia (retirada de mama), de plástica mamária reconstrutiva (incluindo próteses de silicone) e de tireoplastia (troca da voz). Além disso, no campo ambulatorial, há terapia hormonal e acompanhamento dos usuários em consultas e no pré e pós-operatório em nove serviços que, atualmente, são habilitados para oferecer o processo transexualizador. Veja abaixo:

- Porto Alegre/RS - Hospital de Clínicas de Porto Alegre/Universidade Federal do Rio Grande do Sul; - Rio de Janeiro/RJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/Universidade Estadual do Rio de Janeiro; - São Paulo/SP - Hospital de Clínicas/Faculdade de Medicina da USP; - Goiânia/GO - Hospital das Clínicas/Universidade Federal de Goiás; - Recife/PE - Hospital das Clínicas/Universidade Federal de Pernambuco; - Rio de Janeiro - Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia (IEDE); - Uberlândia (MG) - Hospital das Clínicas de Uberlândia; - Curitiba (PR) - Centro de Pesquisa e Atendimento para Travestis e Transexuais (CPATT) do Centro Regional de Especialidades (CRE) Metropolitano; - São Paulo (SP) - Centro de Referência e Treinamento (CRT) DST/AIDS.





O QUE MUDOU?

Transgêneros falam sobre impacto da série do Fantástico na sociedade



